

**SANGIA DE MELO**

**ARGUMENTAÇÃO E PERSUAÇÃO: O SERMÃO DA SEXAGÉSIMA DO  
PADRE ANTÔNIO VIEIRA**

**PROGRAMA DE ESTUDOS PÓS-GRADUADOS  
EM LITERATURA E CRÍTICA LITERÁRIA  
PUC-SP**

**SÃO PAULO  
2005**

**SANGIA DE MELO**

**ARGUMENTAÇÃO E PERSUASÃO: O SERMÃO DA SEXAGÉSIMA DO  
PADRE ANTÔNIO VIEIRA**

Dissertação apresentada como exigência  
parcial para obtenção do grau de Mestre em  
Literatura e Crítica Literária à Comissão  
Julgadora da Pontifícia Universidade  
Católica de São Paulo, sob a orientação do  
Prof. Dr. Fernando Segolin

**São Paulo  
2005**

**BANCA EXAMINADORA**

---

---

---

**Deo Gratias**

À Jenefer, minha filha, que, com seu carinho e paciência,  
muito contribuiu para que eu concluísse esta etapa de minha vida.

## Agradecimentos

Ao professor Fernando Segolin, a minha eterna gratidão por ter me orientado sábia e paternalmente na elaboração desta dissertação.

A D. Fernando Antônio Figueiredo, bispo da Diocese de Santo Amaro, por sua benevolência em atender os meus pedidos nestes anos de estudo.

À secretaria de Educação, pela Bolsa Mestrado.

À PUC, pela ajuda.

Ao professor Gabriel Chalita, Secretário da Educação, pelo incentivo.

A todos os meus professores do Programa de Literatura e Crítica Literária: Maria José Palo, Vera Bastazin e Maria Aparecida Junqueira, sem os quais nada disso seria possível.

Aos professores Monsenhor Tarcísio Loro e Olga de Sá, pelo estímulo e motivação.

À professora Esther Schapochnik, pela atenção, empenho e dedicação com que me aconselhou nesses meses de estudo.

A todos os padres da Diocese de Santo Amaro: Pe. João Giomo, Pe. Lino, Pe. Prakash, Pe. Pedro Facci, Pe. Cláudio Dias, Pe. André, Pe. Matheus Garcez, Pe. Maurício, Pe. Constanzo, Pe. José Carlos de Carvalho, Pe. Osvaldo, Pe. Valdeci, Pe. Francisco, Frei Jorge da Paz, Pe. Márcio, Pe. Cássio, da Capela da Puc, pela atenção, oração e apoio.

Às Irmãs das Congregações *Carmelita, Santa Cruz e Jesus Maria e José, Servidoras do Senhor e da Virgem de Matará e Shalom*, pelo incentivo aos estudos.

Aos meus amigos e amigas: José Maurilo da Silva, Josenilton Novaes, Hugo Martins Bezerra, Antônio de Lima, Everaldo, Moisés, Aldo Melo Batista, José Carlos Savarino, Ivete Vidigoi de Sousa, Kátia Mattos, Elaine Laura Fernandes Prado, Shisuko, Lia, Raiúda, Margarida Maria de Paula, Senji, Jaime, Jarcinto, Ana Albertina, Vilma Galetto, Lúcia Vieira, Ana Cláudia Gurgel, Cleonice Carvalho Soares Teixeira, Maria Rosângela de Lima e Osmar Tavares de Lima, Leila, Estela, Lucy, Carla, Nerey Goldberg, Rosa Harue Issibachi, Maria Alves de Araújo Silva, Lúcia Simão, D. Lurdes Bonfim, Celina, Kátia, Lucileide, Solange, Ana Célia, Terezinha Nazaré Caiado, Maria José Santos Soares, Mariangela Abreu, Débora Baptista Brum, Marta de Lima Ferreira, Andréa, Rita Rosário, Eugênio Mendes, Alberto Neto, Abílio Fonseca, Elisimara, Eluiza Elena de Souza e Silva e Laura de Souza Pinto e Silva, pelo carinho e paciência.

Aos colegas professores, aos alunos e pais de alunos, pela compreensão e apoio.

Aos meus pais, Ninca Sant'ana de Melo e José Gilto de Melo, aos meus tios, Arlindo Bento Gonçalves e Maria Aparecida Gonçalves, pelo carinho.

## Resumo

Esta dissertação tem por objetivo analisar o *Sermão da sexagésima*, explicitando os mecanismos da argumentação e da persuasão com base sobretudo em dois artifícios lingüísticos: a metáfora e a alegoria. Ela se divide em três capítulos: *A retórica do sermão*, *A arquitetura do Sermão da sexagésima* e *A arte oratória de Vieira*.

Proferido na Capela Real de Lisboa, o *Sermão da sexagésima* é considerado um exemplo de pregação. Nele, Vieira confirma seu papel de missionário, visionário e político. Seu assunto é religioso e destina-se a transmitir os conhecimentos da fé e a mover as vontades, para que os comportamentos e opções de vida correspondam à doutrina cristã.

Encontramos, neste sermão, as funções conativa, metalingüística e poética da linguagem, bem como novas sintaxes, combinações e articulações destinadas a prender a atenção dos ouvintes com a intenção de convertê-los e levá-los à ação.



## Abstract

This dissertation has as objective analyse the *sixtieth Sermon*, expliciting the argumentation and persuasion devices with support in two main artifice linguistics: the metaphor and allegory. It divides itself into three chapters: *The rethoric of Sermon*, *The architecture of sixtieth Sermon* and *Vieira's oracle Art*.

It was pronounced at Lisbon Real Chapel, the *sixtieth Sermon* is considered an example preach. In it, Vieira confirms his missionary, visionary and politician functions. His subject is religious and dedicates to transmit the knowledge of faint and moving the wills, in order to the behaviours and options of life correspond the cristian doctrine.

We found into sermon, conative, metal-linguistics and poetical functions of language, as well new syntaxes, combinations and articulations used for keeping attention from his listeners with intention to convert and conduct them the action.

## Sumário

<b>Introdução.....</b>	<b>10</b>
 <b>I – A Retórica do Sermão.....</b>	 <b>13</b>
1.1 Demonstração e argumentação.....	13
1.2 O sermão e o seu discurso.....	25
1.3 Algumas formas de discurso.....	29
1.4 Raciocínios discursivos.....	39
1.5 A retórica clássica.....	40
1.6 Algumas figuras de retórica.....	42
 <b>II – A Arquitetura do Sermão.....</b>	 <b>49</b>
2.1 A estrutura do sermão.....	56
2.2 O sermão e a linguagem da sedução.....	61
2.3 Análise e discussão do <i>Sermão da sexagésima</i> .....	64
 <b>III– A arte oratória de Vieira.....</b>	 <b>81</b>
3.1 O púlpito.....	81
3.2 O sermonista Pe. Vieira.....	84
3.3 O texto sermonístico: pregação, sedução e evangelização de Pe. Vieira ..	91
<b>Considerações Finais.....</b>	<b>94</b>
<b>Referências Bibliográficas.....</b>	<b>97</b>
<b>Anexo – <i>Sermão da sexagésima</i>.....</b>	<b>102</b>

## Introdução

O presente trabalho situa-se na área da Teoria e da Crítica Literárias e tem como objetivo explicitar os mecanismos da argumentação e da persuasão no *Sermão da sexagésima*, do Pe. Antônio Vieira. Para isso, analisamos os principais artifícios lingüísticos da oratória do autor neste Sermão, especialmente o uso da metáfora e da alegoria, bem como seus efeitos comunicacionais. Como o propósito do orador é formar e educar, esses mecanismos têm função utilitária, pois buscam persuadir o receptor.

Embora Vieira seja um autor conceptista, seu discurso, algumas vezes, mostra procedimentos estilísticos do cultismo. Ele condena o estilo de pregar dos dominicanos, porque o acha difícil e afetado.

Proferido na Capela Real de Lisboa, em 1655, depois do regresso de Vieira de uma missão no Maranhão, o *Sermão da sexagésima* é considerado seu sermão mais importante. Seu assunto é religioso e destina-se a inculcar os conhecimentos da fé e a mover as vontades, para que os comportamentos e opções de vida correspondam à doutrina cristã.

Para penetrar no âmago desse sermão, é preciso entender alguns traços pessoais que envolvem a obra do maior orador sacro da língua portuguesa. Vieira era hábil no falar e, como homem, era uma pessoa de bem, por isso, estava credenciado para receber o respeito geral. Era um homem de cultura e de fé, que falava bem e convictamente e colocava o coração, a inteligência e a vontade a serviço de uma missão cristã e patriótica.

Esta dissertação está dividida em três capítulos. No primeiro, *A retórica do sermão*, estudamos a argumentação, a origem da retórica e o seu desenvolvimento.

Servindo-nos de Jakobson, em *Linguística e poética*, estudamos o modo como as mensagens são codificadas e o funcionamento da linguagem. Vimos que, no sermão, as mensagens se apoiam no receptor, uma vez que sua linguagem visa a seduzir, induzir e convencer o receptor.

Mostramos, também, que o discurso sermonístico pode dialogar com o teológico e tem como característica marcante a intertextualidade. Abordamos os vários tipos de discursos, segundo Orlandi, em *Análise do discurso*: o polêmico, o lúdico e o autoritário.

Abordamos os tipos de raciocínios discursivos (apodítico, dialético e retórico) e as figuras da retórica mais usadas: a metáfora, a metonímia e a alegoria, bem como as principais figuras de construção: o pleonismo, a hipálage, a anáfora, a epístrofe e a concatenação, e as figuras de pensamento mais comuns: antítese, paradoxo e alusão.

No segundo capítulo, *A arquitetura do Sermão da sexagésima*, reportamo-nos ao discurso como fenômeno literário, à criação do signo. Apresentamos o Barroco como um estilo de época rico em normas e postulados estéticos, a Literatura como um instrumento poderoso de instrução e educação, e o sermão como um trabalho estético. Mostramos que o sermão e a linguagem da sedução são influenciados e marcados pelo princípio poético.

Estudamos a estrutura do sermão, que se divide em dez partes: na primeira, há a invocação da *Parábola do Semeador*; na segunda, são discutidos fatores que favorecem a eficácia do sermão; na terceira, são examinadas as causas da ineficácia do sermão; da quarta à oitava partes, Vieira narra suas provas e refutações; na nona, ele retoma sua indagação inicial e, por fim, na décima, finaliza o sermão.

No terceiro capítulo, *A arte oratória de Vieira*, vemos que a oratória foi muito difundida na Europa, pois contribuiu e muito para o projeto da Reforma Católica. Sua utilização prolongou-se do século XII ao XVII. Enfocamos o sermão como um discurso metalingüístico e mostramos que muitas pregações eram verdadeiras encenações teatrais, visando a transmitir o ideário católico. Assim, o púlpito era um palco muito valorizado nas Igrejas, principalmente nas barrocas, pelo clima de encenação.

Finalizando, consideramos que o *Sermão da sexagésima* é uma exposição doutrinária e exemplo modelar de pregação. Revela simplicidade e elegância, além de fazer uso de uma multiplicidade de imagens sensoriais e ornamentais. Nele, Vieira subordina a arte de pregar a sua experiência eclesial evangélica, confirmando seu desempenho como missionário, visionário e político, e sua permanente intenção de converter seus ouvintes.

## I – A RETÓRICA DO SERMÃO

### 1.1 – Demonstração e argumentação

O interesse pela argumentação iniciou-se na Grécia, por volta do século VI a.C., quando se constituiu a retórica, arte de falar de maneira a persuadir e convencer os auditórios heterogêneos de que uma dada opinião é preferível à sua.

A origem da retórica é atribuída a Córax e Tísis (V a.C.). Ela foi desenvolvida pelos sofistas e, entre seus mestres, destacam-se Górgias e Protágoras. Platão e Fedro incluem-se no plano filosófico, mas Aristóteles foi o primeiro filósofo a apresentar a teoria da argumentação, nos *Tópicos* e na *Retórica*.

A retórica desenvolveu-se na época helenística. Em Roma, Cícero, político e excelente orador do século I a.C., sistematizou seus fundamentos em duas obras fundamentais, *De oratore* e *orator*. Cícero considerava a retórica uma ciência cujo exercício exige grande habilidade, pois o orador visa provar, agradar e comover. No século I d.C., também dedica-se à oratória Quintiliano, cuja única obra chama-se *Institutio oratoria*.

Na Idade Média, a argumentação foi muito divulgada entre os clérigos e conquistou um lugar central na educação, pois fazia parte do *trivium*<sup>1</sup>. Já na Idade

---

<sup>1</sup> Na Idade Média, do *trivium* faziam parte a gramática, a retórica e a dialética, disciplinas que regem a manifestação do pensamento.

Moderna, ela continuou a ocupar uma posição de destaque nos países católicos, onde se sobressai o famoso orador Padre Antônio Vieira.

Ao estudar a argumentação, é preciso diferenciar a concepção da demonstração. A demonstração fundamenta-se na idéia de evidência, já a argumentação baseia-se na idéia de que nem toda a prova provém de evidência, mas de artifícios capazes de provocar a adesão dos espíritos às teses que se apresentam a seu descortínio.

Perelman (1996) distingue a argumentação da demonstração. Para ele, a argumentação envolve técnicas discursivas que permitem provocar ou aumentar a aceitação das teses apresentadas. Já a demonstração supõe uma série de estruturas e formas distintas para se provar algo coercivamente, sem ambigüidades. Segundo o autor, outra diferença entre a argumentação e a demonstração é o tempo histórico. A argumentação considera o tempo histórico, enquanto a demonstração não depende do tempo, isola-se do contexto. Perelman (1996:379) explica que a argumentação é um ato de comunicação que implica a comunhão das mentes, é “uma tomada de consciência comum do mundo, tendo em vista uma ação real, através de uma linguagem viva, com tudo o que esta comporta de tradição, de ambigüidade, de permanente evolução”.

Ao argumentarmos, influenciamos o outro por meio do discurso, e a intensidade de adesão de um auditório a certas teses somente é possível se levarmos em conta as condições psíquicas e sociais do público, sem elas a argumentação fica sem objeto ou sem efeito, pois “toda a argumentação visa à

adesão dos espíritos e, por isso mesmo, pressupõe a existência de um contato intelectual,” comenta Perelman (1996:379).

Para que haja argumentação, é necessário uma comunidade efetiva (pessoas interessadas em ouvir o discurso), a existência de uma linguagem comum e um argumentador, que deverá construir o campo das idéias (discurso), ou seja, falar à razão do outro, provando, debatendo a questão que interessa a ambos. Além disso, é preciso a adesão do interlocutor, o seu consentimento e, até mesmo, a sua participação, pelo exercício mental, no discurso.

O argumentador deve emocionar, sensibilizar o outro, transformar o comportamento, persuadir. Quando não se preocupa com o outro, o argumentador é julgado arrogante e pouco simpático. Aquele que realmente se preocupa com seus discursos e com o seu público valoriza a apreciação do interlocutor. Por isso, para o orador é importante falar e escrever bem, mas sobretudo ser ouvido ou lido. Além de ouvir, eventualmente é preciso aceitar o ponto de vista do outro, já que mesmo os discursos sem interesse aparente podem contribuir para o desenvolvimento de um mecanismo social importante.

Uma argumentação efetiva exige, ainda, a atenção daqueles a quem ela se destina. O auditório constitui o conjunto daqueles que o orador quer influenciar com a sua argumentação e cabe ao orador aproximar-se o máximo possível dele, pois uma imagem inadequada pode resultar em desagradáveis conseqüências. Assim, o orador deve conhecer aqueles a quem pretende conquistar, e isso é condição prévia para qualquer argumentação ser eficaz.



Certos capítulos dos antigos tratados da retórica revelam o cuidado com o auditório. Aristóteles<sup>2</sup>, em sua *Retórica*, classifica os auditórios conforme a idade e a fortuna, e também faz muitas descrições válidas de psicologia diferencial. Já Cícero<sup>3</sup> explica que “convém falar de modo diferente à espécie de homens ignorantes e grosseiros, que sempre prefere o útil ao honesto, e à outra esclarecida e culta, que põe a dignidade moral acima de tudo”. Quintiliano<sup>4</sup> fala das diferenças de caráter do auditório, mostrando que são importantes para o orador. Portanto, todo orador que pretende persuadir um auditório deve se adaptar a ele.

Comumente, o orador tem que persuadir um auditório heterogêneo, composto por pessoas com diferentes vínculos, funções e caráter. Ele deverá, então, utilizar argumentos múltiplos para conquistar os diversos elementos do auditório.

Alguns meios podem influenciar o auditório: música, iluminação, jogos de massas humanas, paisagem e até mesmo direção teatral. Esses elementos sempre foram conhecidos e foram utilizados pelos gregos, romanos e homens da Idade Média. Atualmente, o aperfeiçoamento técnico possibilitou desenvolvê-los, tornando-os mais eficazes.

De modo geral, o orador impressiona quando exerce influência sobre o auditório, que por sua vez é animado pelo espírito deste. Nenhum orador, nem mesmo o sacro, deve descuidar-se de se adaptar ao auditório, pois são inúmeros os problemas decorrentes da variedade de auditório, e também inúmeros desafios para se adaptar a suas particularidades. Isso obriga o orador a desenvolver

---

<sup>2</sup> ARISTÓTELES. *Retórica*, Liv. II, cap. 12 a 17, 1388 a 1391b.

técnicas argumentativas. Ele deve buscar com objetividade transcender as particularidades históricas ou locais, de modo que suas teses sejam aceitas por todos.

Há uma distinção entre persuadir e convencer. Para o orador que se preocupa com o resultado, persuadir é mais do que convencer, pois a convicção não passa da primeira fase que leva à ação. Para Rousseau, “de nada adianta convencer uma criança se não se sabe persuadi-la.”<sup>5</sup> Chamamos de persuasiva a argumentação válida somente para um auditório particular, e de convincente aquela que obtém a adesão de todo ser racional.

O orador, ao persuadir e convencer, depara-se com três espécies de auditório, considerados privilegiados tanto na prática corrente, quanto no pensamento filosófico. O primeiro tipo é o universal, constituído pela humanidade inteira. O segundo é formado no diálogo com o interlocutor a quem o orador se dirige. E o terceiro é aquele que se constitui pelo próprio sujeito, este delibera ou figura suas razões e seus atos.

### **1.1.1 - O auditório universal e o particular**

O auditório universal é o conjunto de pessoas sobre o qual não temos controle das variáveis. Um exemplo desse tipo de auditório é o público que assiste

---

<sup>3</sup> CÍCERO. *Partitiones oratoriae*, §§ 90

<sup>4</sup> QUINTILIANO. *De institutione oratoriae*, vol.I, Liv.III, cap. VIII, §§ 38ss.

<sup>5</sup> ROUSSEAU, *Emile*. Liv. III, p. 203

a um programa de televisão, pois são pessoas de diversas idades, classes sociais e profissões, com níveis de instrução diferentes e habitantes de regiões variadas.

Já o auditório particular é um conjunto de pessoas cujas variáveis podem ser controladas. A Pastoral dos Idosos da Igreja, por exemplo, configura-se um auditório particular, pois compõe-se de pessoas do sexo feminino e do masculino, mas da mesma faixa etária.

É importante que o orador adapte-se ao seu público e seja cuidadoso para não manifestar um ponto de vista que não possa ser defendido.

Ao iniciar um processo argumentativo, o orador não deve expor de imediato a tese principal. É necessário que o auditório concorde com essa tese inicial, para a argumentação adquira estabilidade e chegue à tese principal. A tese de adesão inicial acrescenta os fatos ou presunções, que são as suposições fundamentadas no verossímil.

### **1.1.2 - As técnicas argumentativas**

As técnicas argumentativas são fundamentais, pois fixam a ligação entre a tese de adesão inicial e a tese principal. Essas técnicas atendem a dois grupos básicos: os argumentos quase lógicos e os argumentos fundamentados na estrutura do real.

O orador utiliza essas técnicas para demonstrar se a tese de adesão inicial, com a qual o público concordou, é compatível ou incompatível com a tese principal. Quando o orador agrega histórias aos seus argumentos, seduz o público.

### **1.1.3 - Argumentos de retorsão**

A retorsão é uma réplica que utiliza os próprios argumentos do interlocutor. Um dos mais famosos exemplos de retorsão é um soneto de Gregório de Matos Guerra, em que o autor baseia-se em fatos bíblicos para convencer Deus a perdoá-lo os pecados. Gregório diz a Deus que, se não perdoá-lo, estará contradizendo sua própria lição de perdão, que aparece na parábola do filho pródigo.

Segundo Antônio Suárez Abreu, argumentar nada mais é do que saber gerenciar tanto as nossas emoções, como as nossas relações com os outros, ou seja, com as pessoas que nos rodeiam no âmbito pessoal e no profissional.

É necessário saber conversar com o outro, argumentar para que esclareça seus pontos de vista, os fatos, e até mesmo os seus motivos. “De acordo com o

senso comum, argumentar é vencer alguém, forçá-lo a se submeter a nossa vontade”,<sup>6</sup> explica o autor.

Von Clause Witz define a argumentação como uma guerra.

Em família, no trabalho, no esporte, na política ou na Igreja, argumentar é integrar- nos no universo do outro, bem como alcançar o que queremos, porém de modo cooperativo e construtivo. Portanto, argumentar é transpor nossa verdade para a verdade do outro. Assim, não basta ser inteligente, culto, é preciso ter habilidade para um relacionamento interpessoal, ou seja, ter a capacidade de compreender e comunicar as idéias e as emoções.

Argumentar é a arte de convencer e persuadir, e convencer é saber operar com a informação, falar à razão do outro, demonstrando e provando. Para isso, é importante a informação, o conhecimento e a leitura, que podem mudar nossas idéias, transformando o mundo.

Argumentar significa vencer junto com o outro (com + vencer) e não contra o outro<sup>7</sup>. Já persuadir é saber operar com a emoção do outro. Etimologicamente, persuadir está ligado à preposição *per*, *por meio de*, e à deusa romana da persuasão<sup>8</sup>. Isso significava que persuadir é fazer algo por meio do auxílio divino.

Convencer é construir alguma coisa no campo das idéias, ou seja, da razão. Quando convencemos o outro, esse outro passa a pensar como nós. Já persuadir é saber operar e registrar com as emoções, ou seja, é sensibilizar o outro à ação. Assim, quando persuadimos uma pessoa, ela efetua algo que desejamos.

---

<sup>6</sup>ABREU, Antônio Suárez. *A arte de argumentar*, p. 10

Sabemos que, inúmeras vezes, conseguimos convencer as pessoas, porém não conseguimos persuadi-las.

Para persuadir, precisamos dos valores do outro e sermos sensíveis. Algumas vezes, o leitor/ouvinte, já está persuadido a fazer algo e somente precisa ser convencido. Necessita de um incentivo racional de sua consciência ou de outra pessoa. E, ainda, há o leitor/ouvinte que pode ser persuadido a fazer algo sem estar convencido. Portanto, argumentar é a arte de operar com a informação, ou seja, é convencer o leitor/ouvinte a fazer algo, é persuadi-lo, pela emoção, a fazer algo que nós desejamos que faça.

A retórica, a arte de bem falar, de convencer e persuadir, surgiu em Atenas, na Grécia Antiga, em 427 a.C., quando os atenienses, tendo consolidado na prática os princípios do legislador Sólon, viviam a primeira experiência democrática da história. Era muito importante, na época, que os cidadãos conseguissem falar bem e argumentar com as pessoas nas assembleias populares e nos tribunais.

Os sofistas eram mestres viajantes que conheciam muitos costumes. Os principais sofistas foram Protágoras e Górgias. A retórica de Sócrates e Platão aplicava a teoria do ponto de vista ou paradigma nos objetos de estudo. Dessa forma, houve um conflito entre, de um lado, os retóricos ou sofistas e, de outro, os filósofos que trabalhavam com as dicotomias: verdadeiro/falso, bom/mau, etc.

A retórica clássica teve como primeira tarefa a heurística, ou seja, buscava o método de análise que levasse ao descobrimento das verdades

---

<sup>7</sup> Idem, p. 25

científicas. Um dos temas abordados por Górgias foi “O direito que a paixão tem de se impor sobre a razão.” Ele escreveu o discurso *Elogio à Helena* para defender essa tese.

Embora o discurso do senso comum permeie o nosso cotidiano, sabemos que as descobertas e invenções resultam de momentos em que as pessoas se opuseram a ele. A técnica mais utilizada pelos mestres da retórica para desenvolver as idéias dos atenienses contra o discurso do senso comum foi a criação de paradoxos, ou seja, opiniões contrárias ao senso comum, que proporcionassem aos ouvintes/leitores o chamado estranhamento. Buscavam a capacidade de voltar a se surpreender com aquilo que o hábito torna comum, de tornar novo aquilo que já se tornou habitual. A técnica do paradoxo instaura discursos a partir de um antimodelo: tomando uma opinião formada pelo senso comum, escrevia-se um texto contrário a ela.

A retórica fundamentava-se em diversos pontos de vista, no verossímil e não na verdade absoluta. Por isso, tanto a dialética como a filosofia da época eram contra a retórica.

Para Platão, a retórica visava a resultados, enquanto a filosofia ensinava o verdadeiro. Essa idéia contribuiu para o descrédito da retórica. Nessa época, a palavra sofista indicava a pessoa enganadora ou de má-fé, que usava argumentos falsos. Entretanto, na *República*, Platão utilizou –se dos recursos retóricos que antes condenava. Nietzsche achava que o que levou Platão a atacar Górgias foi o sucesso político, a riqueza e o amor que os atenienses tinham por ele.

---

<sup>8</sup> Idem, p. 25

Alguns pesquisadores dizem que o declínio da retórica deveu-se à passageira experiência democrática dos gregos, que terminou em 404 a.C., quando Atenas foi subjugada por Esparta e acabou com o espaço para a crítica de idéias e o debate de opiniões.

Atualmente, a retórica tem sido beneficiada pelo estudo de outras ciências: lingüística, semiótica, pragmática e a análise do discurso.

### **1.1.5 – A argumentação**

O primeiro elemento da argumentação é a tese, que traz em si o problema a ser respondido. Portanto, se faz necessário saber quais são as perguntas que estão em sua origem.

O segundo elemento da argumentação é a presença de uma linguagem em comum, ou seja, de um repertório comum. O orador deve adaptar-se às condições intelectuais e sociais de seus ouvintes/leitores. No processo argumentativo, os oradores são responsáveis pela clareza do discurso, para que não haja nenhum tipo de erro de comunicação.

O terceiro elemento da argumentação é o contato agradável com o ouvinte, e isso implica em, algumas vezes, saber ouvi-lo. O orador deve desenvolver *empatia* com seu público, lembrando que *pathos*, em grego, significa *sentimento* e *em* (preposição) significa *dentro de*.

Na argumentação, além da seleção de palavras, é importante o som da voz do orador, pois é por meio dela que exprimimos alegria, desespero, tristeza, medo ou até raiva. Muitas vezes, a voz nos informa mais do que o próprio



discurso. Também é preciso aprender a ouvir com os olhos: o corpo fala, por isso as expressões faciais, o andar, o gesticular e até a vestimenta são informações importantes.

O quarto elemento da argumentação é a ética, que deve estar presente no exemplo. A argumentação deve-se dar de forma pura, espontânea e transparente para que haja credibilidade, caso contrário ocorre o que chamamos de manipulação.

## 1.2 – O sermão e seu discurso

O discurso do sermão é caracterizado como aquele que transmite a fala de Deus, seja pela voz do padre, do pregador ou de qualquer outro representante d'Ele. Assim, nesse discurso, há um desnivelamento fundamental na relação entre locutor e ouvinte: o locutor pertence ao plano espiritual (Deus) e o ouvinte pertence ao plano temporal (os homens).

Locutor e ouvinte pertencem a mundos diferentes, devido ao valor hierárquico, pois o mundo espiritual domina o temporal. O locutor representa Deus com todas as suas características: imortal, eterno, infalível, infinito e todo poderoso. Os ouvintes são humanos e, portanto, mortais, falíveis, finitos. Nessa perspectiva, Deus domina os homens.

O sermão não apresenta autonomia, isto é, o representante da voz de Deus não pode modificá-la. Existem regras no procedimento daquele que se apropria da voz de Deus, e a relação dele com a voz é regulada pelo texto sagrado. A interpretação da palavra de Deus não pode receber qualquer outro sentido: o discurso sermonístico tende para a monossemia. No Cristianismo, há a interpretação do texto da *Bíblia* pela Igreja. A *Bíblia* revela a palavra de Deus, que ocupa lugar próprio nas diferentes cerimônias.

Na Igreja Católica, a interpretação das palavras da *Bíblia* revela-nos a assimetria dos planos, as regras relativas às duas ordens de mundo: o temporal e o espiritual. Na ordem temporal, a relação é feita pelos representantes da Igreja: o Papa, o bispo e os padres. Já na ordem espiritual, a relação se faz pelos

mediadores: Nossa Senhora e os santos. Jesus Cristo ocupa um lugar à parte, porque Deus, que habitou entre os homens, não é representante e muito menos mediador. A natureza de Deus é particular, pois a sua parte acessível é Ele próprio.

O discurso sermonístico é aquele em que há uma relação profunda e aberta com o sagrado. De maneira geral, o discurso teológico pode dialogar com o sermonístico, mesmo sendo mais formal.

No discurso sermonístico, há a reversibilidade, isto é, há uma troca de papéis na interação que constitui o discurso e o que o discurso constitui.<sup>9</sup>

Existem fórmulas para se falar com Deus: desde a familiaridade até a formalidade, porque podemos fazê-lo por orações ou até por expressões simples. Além disso, a dissimetria se mantém, ou seja, a qualidade da relação não altera as posições dos interlocutores: de um lado, temos a onipotência divina e, de outro, a submissão humana.

Na dissimetria, é necessário que os homens, para serem ouvidos por Deus, se submetam às seguintes regras: devem ser pessoas boas, puras e, ainda, ter fé.

Portanto, os seres humanos devem assumir qualidades espirituais. Dentre elas, a principal é a fé, ela é o caminho para a salvação. Só pela fé é possível a mudança e também a salvação.

A fé não elimina a assimetria, pois ela não modifica a relação de reversibilidade do discurso do sermão. A fé é uma graça adquirida pelo homem, é

---

<sup>9</sup> ORLANDI, Eni Puccinelli. *A linguagem e seu funcionamento*, p. 239

um dom divino, pois advém de Deus. Muitos sermões, para os que crêem, é uma promessa; já para os que não crêem, é uma ameaça.

O poder da palavra na religião é evidente. Pelo mecanismo da performatividade, a palavra está ligada à visão de linguagem como ação inscrita no próprio ato de falar.

Em outros tipos de discurso, existe a retórica de apropriação, em que o sujeito se transforma naquele do qual ocupa o lugar. Exemplo: o juiz e o político. Já no discurso sermonístico, o representante, aquele que fala no lugar de Deus, transmite as palavras de Deus, mas não se confunde com Ele. Esta é uma das marcas do discurso sermonístico: a não reversibilidade entre os planos temporal e espiritual, pois jamais o representante da voz de Deus se apropria do lugar a partir do qual fala.

Do ponto de vista pragmático, o mecanismo da negação é o sim pressuposto no ouvinte. Dessa maneira, a retórica do discurso sermonístico é aquela que pode ser denominada como a retórica da denegação, ou seja, a negação da negação. Tudo isso é devido à dissimetria, pois o ouvinte (o homem) adquire valores negativos e disso nasce o pecado, que é o não a Deus. Assim, o discurso sermonístico, para afirmar o que é positivo, deve negar o negativo.

A retórica da denegação referindo-se à disposição para mudar em direção à salvação explica a organização das partes do discurso sermonístico: exortação, enlevo e salvação. A exortação é característica do processo de identificação e pode ser observada no exórdio do sermão: Caríssimos irmãos. A quantificação, no caso, significa a delimitação da comunidade: são separados aqueles que são

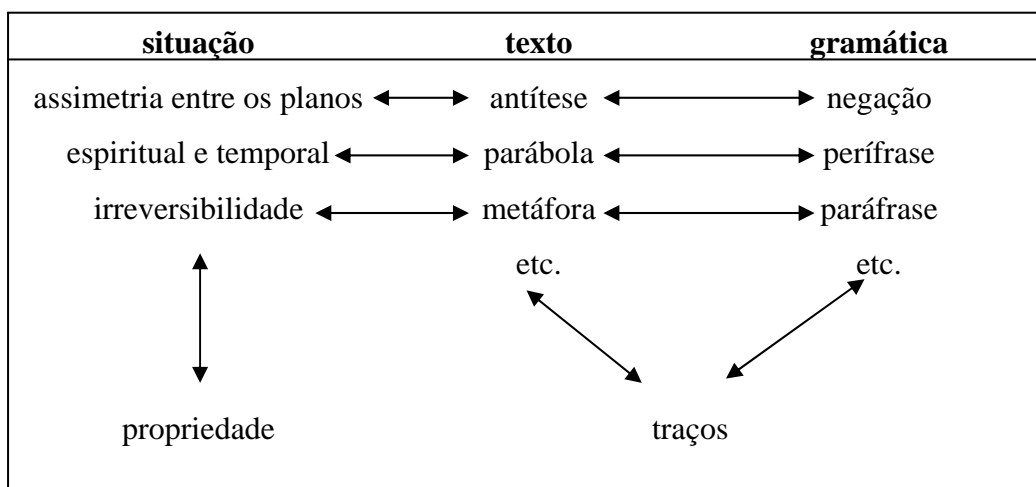
constitutivos dos que não fazem parte, dos outros, que são excluídos. O enlevo nada mais é do que a identificação com os propósitos divinos. Nele, é dado o processo de ultrapassagem, ou seja, a ilusão da reversibilidade. Na salvação, está o pedido feito pelo representante, o agradecimento do ouvinte.

Como traços do discurso sermonístico, temos o uso do imperativo e do vocativo (enquanto formas próprias de discurso em que há doutrinação) e a utilização de metáforas e de paráfrases.

O discurso sermonístico, algumas vezes, é obscuro, possibilita muitas leituras, as paráfrases indicam a leitura própria para a metáfora; há um procedimento análogo, que é o das citações em latim, que serão traduzidas por perífrases extensas e explicativas. A parábola e o uso de alguns temas são típicos desse discurso: a vida eterna, a provisoriedade do homem etc.

Uma característica marcante do sermão é a intertextualidade, ou seja, a remissão de um texto a outro texto. Assim, o discurso sermonístico pode ser visto como um discurso sobre outro discurso, parecendo algumas vezes uma recriação do texto original.

No discurso sermonístico, podemos verificar a relação entre três fatores: a assimetria entre os planos temporal e espiritual, e a irreversibilidade, o uso de antíteses e o mecanismo da negação. O esquema apresentado a seguir, procura caracterizar o discurso sermonístico.



### 1.3 – Algumas formas de discurso

Segundo Orlandi, em *Análise do discurso* (1998), há três formas de discursos: o polêmico, o lúdico e o autoritário. São todas categorias autônomas, podendo, porém, haver dominantes. Portanto, as formas não são puras, mas híbridas, ou seja, existe a preponderância de uma forma de discurso sobre a outra. Desse modo, um discurso lúdico pode conter o polêmico e vice-versa.

O discurso lúdico é caracterizado como mais aberto e democrático, tem menor grau de persuasão e faz desaparecer o imperativo e a verdade única e acabada. Ele envolve o jogo de interlocuções. Traz o movimento dialógico eu-tu-eu, o qual passa para signos mais abertos. Nesse tipo de discurso, o signo adquire uma dimensão múltipla, plural e polissêmica, pois os sentidos se fragmentam,

expondo novos sentidos: “Os signos se abrem e revelam a poesia da descoberta; a aventura dos significados passa a ter o sabor do encontro de outros significados.”<sup>10</sup>

O discurso polêmico é aquele que gera um novo centramento na relação entre os interlocutores, aumentando o grau de persuasão. Os conceitos enunciados são dirigidos como num embate, pois há uma luta de vozes, onde uma tende a derrotar a outra. Portanto, o grau de polissemia tende a diminuir, sendo que o eu tende a dominar o referente. Esse discurso possui um grau de instigação, ou seja, apresenta argumentos que podem ser provocados pelo testemunho do outro.

O discurso polêmico aparece em situações diversas: numa discussão entre amigos, numa defesa de tese, num juízo sobre uma questão, num editorial jornalístico e até mesmo numa aula ou num debate.

O discurso autoritário é caracterizado como persuasivo e instala as condições para o exercício de domínio pela palavra. Trata-se de um discurso exclusivo, pois não permite mediações ou ponderações: “O signo se fecha e irrompe a voz da autoridade sobre o assunto, aquele que irá ditar verdades como num ritual entre a glória e a catequese.”<sup>11</sup>

Esse discurso recorda um circunlóquio, ou seja, alguém que fala para um auditório composto por ele mesmo. Nessa forma discursiva, o poder exerce suas formas de dominação. O discurso autoritário trava-se num jogo parafrásico, pois “repete uma fala sacramentada pela instituição: o mundo do diálogo perdeu a guerra para o mundo do monólogo.”<sup>12</sup>

---

<sup>10</sup> CITELLI, Adilson. *Linguagem e persuasão*, p.38

<sup>11</sup> Idem, p.39

<sup>12</sup> Ibidem, p.40

Na sociedade moderna, esse tipo de discurso aparece na propaganda, na família e, algumas vezes, na igreja e no quartel. Na família, na figura do pai, na Igreja, na figura do padre, que ameaça em nome de Deus, no quartel, é o grito que visa preservar a ordem e a hierarquia e, na comunicação de massa, é o chamado publicitário que procura incentivar o consumo.

Segundo Courdresses, Blume Thorez<sup>13</sup>, a análise do discurso deve ser considerada em função de alguns elementos: distância, modalização, tensão e transparência. Adilson Citelli (1998) adequa esses elementos ao discurso autoritário e persuasivo.

1. Distância – quando a voz do enunciador é exclusiva e mais forte do que os próprios elementos enunciados.

2. Modalização – é a maneira como o sujeito constrói o enunciado. O texto autoritário, sendo persuasivo, apresenta algumas características: o uso do imperativo, o caráter parafrásico, etc.

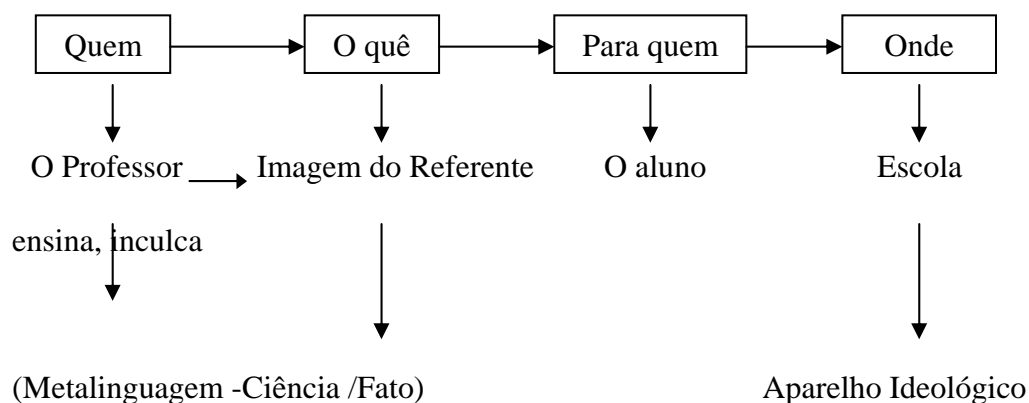
3. Tensão – quando a voz do emissor domina a do receptor. Ela é impositiva, pois é a voz de quem comanda.

4. Transparência – quando o enunciado torna-se compreensível e claro para o receptor e diminui o grau de polissemia do signo.



### 1.3.1 - O discurso autoritário

No discurso autoritário está inserido o discurso pedagógico, que obedece ao seguinte percurso:



Tanto o discurso pedagógico, quanto o discurso autoritário se apresentam como discursos do poder. Segundo Roland Barthes, o discurso pedagógico pode gerar uma noção de erro e um sentimento de culpa, pois a voz segura é a do professor, que ensina, inculca e influencia o aluno.

O professor, em seu discurso, utiliza-se da forma imperativa. Assim, o aluno faz uma imagem dominante do professor, que também pode fazer essa imagem de si. O professor exerce autoridade na sala de aula e se apóia nela. Ele produz um discurso individualizado, repleto de perguntas: Percebem? Certo?

O discurso pedagógico informa, explica, influencia, persuade e inculca. A inculcação apresenta vários fatores próprios que fazem parte da ordem social em que vivemos.

---

<sup>13</sup> Courdresses Blum e Thorez. *Analyses d' énoncés. Langue Française*, 9. Este esquema está

Segundo Ducrot (1972:8), o discurso pedagógico deve obedecer a três leis: o interesse, a utilidade e informatividade.

A lei da informatividade determina que, para informar, é preciso discernimento por parte do ouvinte, como será preciso também o interesse e o discernimento do emissor: é preciso que se diga ao receptor algo que lhe interessa. A lei da utilidade, chamada também de lei psicológica, exige que a fala do emissor seja útil. A linguagem possui essa concepção utilitarista, indagamos, para cada ato de fala, seus motivos, já que existe uma regulamentação para cada categoria ou ato de fala.

Para ordenar, faz-se necessária certa relação hierárquica entre quem ordena e quem obedece. Também, para interrogar, há exigências, e o direito de interrogar é exercido por uma autoridade.

Em cada uma das leis gerais, pode-se distinguir um outro tipo de discurso subentendido. Assim, o discurso pedagógico pode conter o discurso do mascaramento, pois o recurso didático pode exercer papel de máscara. A máscara rompe com as leis de interesse e de utilidade por meio da motivação. A motivação instaura o interesse e faz com que o discurso pedagógico apresente razões de fato. Isso ocorre, por exemplo, no léxico, com o uso das palavras dever, ser preciso, etc.

Nas formações imaginárias e na ruptura das leis do discurso, temos a mediação. “A mediação nada mais é do que a quebra das leis do discurso, a desrazão cede lugar à mediação da motivação que cria interesse”<sup>14</sup>. As formações imaginárias são preenchidas pela ideologia. Segundo Marilena Chauí, ideologia é

---

tratado com maiores detalhes no já citado livro de Eni Orlandi.

um mascaramento da realidade social que permite a legitimação da exploração e da dominação, por ela, tomamos o falso pelo verdadeiro, o injusto pelo justo.

### 1.3.2 - As funções de linguagem

Em *Linguística e poética*, Jakobson apresenta os seis fatores comunicacionais que determinam o modo como as mensagens são codificadas e o funcionamento da linguagem. Descreve também as seis funções da linguagem daí resultantes. Essas funções são articuladas num jogo hierárquico, em que uma prevalece sobre as demais. Toda mensagem visa a transmitir algo ao participante do processo comunicacional, que é o receptor. Por isso, ela deve ser organizada em um sistema de signos. Para ser transmitida, é necessário uma fonte e um destino. A fonte, o emissor, é aquela que produz a mensagem, e o destino, o receptor, é aquele que a recebe.

O canal é o caminho que auxilia a chegada da mensagem. No canal, os sinais físicos, concretos e codificados obedecem a determinadas convenções preestabelecidas pela fonte e pelo destino.

O código é a organização dos elementos que compõem um conjunto, com regras de permissão e proibição. Determina o modo da ocorrência, da combinação dos sinais físicos de um código. Como exemplo de código, temos o verbal, o musical, o teatral etc.

---

<sup>14</sup> ORLANDI, Eni Pulcinelli. *A linguagem e seu funcionamento*, p.18

Para manipular um código, não é necessário conhecer todas as regras, basta ao emissor ou receptor organizar, relacionar, criar e, até mesmo, perceber novas formas de combinação e de sentidos, e isso é denominado noção de repertório. A noção de repertório é importante, pois auxilia o receptor, bem como amplia a visão do objeto.

A mensagem é efetiva quando os sinais são convertidos em regras, ou seja, quando há codificação. Portanto, no processo comunicacional, a fonte é que codifica os sinais e constrói mensagens referentes a um objeto e as remete a um destinatário, possibilitando a passagem desta informação/mensagem, por um suporte físico, o canal. Os sinais organizados devem repousar em alguma estrutura física. A mensagem precisa ser contextualizada ao se referir a um referente e a um assunto organizado.

O emissor, ao organizar sua mensagem, deve ter claro qual é seu objetivo, ou seja, qual é o fator predominante. A mensagem emotiva é aquela que está repleta de sentimento, é escrita na 1ª pessoa e adjetivada. Nela, o fator predominante é o emissor.

Quando uma mensagem apresenta fatos organizados de maneira objetiva, com verbos na 3ª pessoa e visando à informação, seu fator predominante é o referente, e a função de linguagem é a referencial. As mensagens que visam a comunicar o referente podem apresentar ruídos, distúrbios no canal no momento de transmissão de sinais, impedindo a clareza da informação.

A redundância é um processo de repetição, é uma forma de reafirmarmos a mensagem, para que ela chegue ao destino com a clareza necessária .

A função referencial apresenta dois níveis de linguagem: a denotação e a conotação. Na conotação, temos a linguagem figurada, isto é, a significação de signo é utilizada para dois diferentes campos. Já na denotação, o termo se aproxima diretamente do objeto, ou seja, ele se relaciona intimamente com o real. A linguagem denotativa é construída convencionalmente e é elaborada segundo as normas do código, com informações claras, precisas, transparentes e sem ambigüidades.

Algumas mensagens se apoiam no receptor, é o caso da linguagem de propaganda ou mesmo a do sermão, uma vez que essas linguagens visam a seduzir, induzir e convencer receptor. Esta é a função conativa.

A função conativa ou apelativa é aquela que visa ao destinatário. A palavra *conatum* significa influenciar alguém por meio de um esforço. É uma ação verbal do emissor percebida pelo receptor, podendo se apresentar como ordem, exortação, invocação, saudação ou réplica. Ela se caracteriza, gramaticalmente, pela presença do imperativo e do vocativo e pela 2ª pessoa do verbo. Exemplo: Fique com Deus. Esta função procura convencer o receptor de algo. Expressa traços de argumentação e persuasão, que marcam o remetente da mensagem. A linguagem da propaganda e a do sermão visam a atingir o receptor, suas mensagens são arquitetadas com essa finalidade.

Na função fática, o fator é o canal, o suporte físico que sustenta os signos, formando a mensagem. Visa a prolongar, interromper ou reafirmar a comunicação.

A característica básica da função poética é que ela busca codificar os signos de maneira singular, única e, ainda, provocar surpresa no receptor. Esse modo de combinação do código inquieta e sensibiliza o receptor, instaura o diferencial entre as mensagens artísticas e as informais. Ela age na construção dos signos e sensibiliza o auditório, o público e o leitor pela beleza.

A função poética visa a um repertório que envolve a sensibilidade e a consciência na decodificação, ou seja, na leitura do objeto artístico. O texto poético compreende organização e equivalências entre som e sentido. Explora a analogia dos signos, as virtualidades de potencial de semelhança entre as estruturas sýnicas, as quais buscam recuperar o sensível do signo.

Na função poética, predominam a analogia e as similaridades visuais, sonoras, léxicas e semânticas. De fato, significante e significado são inseparáveis nesse tipo de linguagem, a qual possui uma relação som/sentido .

A metalinguagem refere-se ao estudo do código, em nosso caso, ao estudo do discurso e suas regras. Assim, é ponto de referências nas relações interdisciplinares do saber.

A linguagem é a descoberta de muitos significados. Na linguagem, poeta e leitor encontram-se e constroem signos.

Diante da linguagem, um signo em ação, há sempre relações de passividade, dinâmica, criação e até repetição. Ao lermos, estabelecemos relações com o mundo e com o ser humano, pois leitura e mundo são linguagens.

O homem fala e estabelece relações dialógicas com o universo. Nessa fala há um sistema de sinais. A metalinguagem é a linguagem da linguagem, ou

seja, elas acontecem quando uma canção fala sobre o fazer a canção, quando o sermão fala do sermão. O prefixo *meta* significa *mudança, posterioridade, além, transcendência, reflexão crítica*, de acordo com o *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*, de Aurélio Buarque de Holanda.

A metalinguagem apresenta a leitura de relações de pertença, pois produz sistemas de signos de um mesmo conjunto, onde as referências mostram, para si próprias, a estrutura da descrição de um objeto. Portanto, o conceito da metalinguagem refere-se à idéia de leitura relacional, de equação, de referências recíprocas de um sistema de signos ou linguagens.

As palavras sustentam a prosa e a poesia e produzem o literário. A literatura está presente na arte, e a arte, por sua vez, está contida na literatura. A arte literária é reveladora. Ela se preocupa com o sentido das coisas, mas revela esse sentido como algo novo. A novidade está na combinação das palavras. A ambigüidade que reveste o signo inquieta e provoca muitas possibilidades de apreensão do real.

Segundo Jakobson, a função poética “promove o caráter palpável dos signos”. Nela, há todo um trabalho que não advém da inspiração, mas da organização dos signos, que expõem um modo de construção, um aspecto sensível, material e significante. Para ele, na organização da linguagem está subtendida a seleção, a escolha de alguns signos e até mesmo a recusa a outros.

O emissor é aquele que envia a mensagem a um receptor utilizando um código para efetuar a mensagem e este se refere a um contexto. Com efeito, a mensagem, da emissão para a recepção, realiza-se por meio do canal (suporte

físico) que, ao lado do processo comunicacional, viabiliza emissor, código, referente e mensagem. Se o emissor é um padre, seu material de trabalho é a Bíblia, o seu canal é o sermão e a organização desses signos é a mensagem. É necessário que o receptor se sensibilize com a forma de construção da mensagem, decodificando os sinais, para que se instale a comunicação.

No *Sermão da sexagésima*, há a função conativa, pois existe um diálogo com o auditório. Narra-se e, ao mesmo tempo, esse diálogo carrega traços emotivos. A mensagem visa a seduzir o receptor nas articulações de linguagem, e o leitor colabora com a emissão da mensagem. Esse fato relaciona-se com o código e com a mensagem, resultando nas funções poética e metalingüística. Há uma outra função subjacente à apelativa, no *Sermão da sexagésima*, a referencial, cujo o centro está na informação. Vieira diz: “ uma coisa é expor e a outra é pregar; uma ensinar e outra persuadir”. O autor estabelece uma distinção entre o discurso que visa a informar e o que visa a convencer, o assunto centrado na informação e o centrado no receptor . Uma característica marcante do discurso sacro: que o pregar não é apenas transmitir uma informação, mas fazer ouvir a Palavra de Deus cuja a finalidade é converter.

#### **1.4 – Raciocínios discursivos**

A existência de raciocínios discursivos no mundo clássico é atestada pelos registros da retórica, que mostram que eles possuíam gradações persuasivas. Apresentamos, a seguir, alguns tipos de raciocínios discursivos.



O raciocínio apodítico (*apodeiktikos*) traz sempre uma verdade inquestionável. Tem uma direção completa das idéias, sua argumentação é feita com tal grau de fechamento que não restam ao receptor dúvidas em relação ao que foi exposto pelo emissor; é um raciocínio fechado para discussões, portanto, o receptor não o questiona.

Cabe ao raciocínio dialético reduzir a inflexibilidade do raciocínio apodítico. No raciocínio dialético, encontra-se mais de uma consideração possível, e a maneira de formular as hipóteses é que indicará a mais aceitável. Nesse tipo de raciocínio, há um jogo de sutilezas, o receptor percebe a existência de uma abertura no interior do discurso. O verbo, neste tipo de raciocínio, apresenta-se no condicional, estabelecendo a idéia de múltiplos caminhos, apesar do enunciado possuir a verdade desejada pelo emissor.

O raciocínio retórico apresenta certa semelhança com o raciocínio dialético. Ele não visa a um convencimento racional e sim emotivo. Age junto às mentes e também aos corações, residindo sua eficácia no envolvimento do receptor. Sua linguagem é comum e adaptada às circunstâncias .

## **1.5 – A retórica clássica**

Aristóteles ouviu, por muitos anos, as lições de Platão na academia de Atenas. Aos 50 anos de idade, fundou sua própria escola, que se chamava liceu.

Ele foi um professor, e suas obras foram escritas para seus alunos. Já Platão escreveu para o público em geral. A filosofia aristotélica influenciou muito no

pensamento do mundo ocidental, pois estabeleceu um modelo de equilíbrio doutrinário de penetração especulativa e de método expositivo. Sua maior descoberta foi a argumentação, bem como a criação de uma nova ciência: a do raciocínio, ou seja, a lógica .

No tempo de Aristóteles, a eloquência era uma arte literária muito privilegiada em Atenas. E ele se incumbiu de ensinar como o orador deveria proceder para levar o auditório à persuasão desejada, revelando o verossímil, a eloquência com os processos da dialética.

Aristóteles não ensinava a prática da eloquência, mas o estudo do processo dessa prática. A retórica não é ciência. Ela formula as regras da criação e visa a descobrir o que existe de persuasivo em cada caso.

Segundo Aristóteles, os meios da retórica são: o silogismo<sup>15</sup> e o exemplo. A retórica tende a um ensinamento, não pertence a um gênero particular, assemelha-se à dialética. Cabe à retórica produzir provas, embora o orador muitas vezes se limite a demonstrar se um fato existe ou não. A verdade da retórica consiste no verdadeiro e no justo.

A retórica tem por tarefa discernir os meios de persuadir. A persuasão é obtida pelo caráter moral do orador , ou seja, quando o discurso revela que ele é digno de confiança. Portanto, o orador persuade os ouvintes, quando seu discurso os leva a sentir paixão pelo fato, que é apresentado como verdade, ou que parece ser verdade.

---

<sup>15</sup> Termo que vem do grego *sylogismos* que significa argumento ou raciocínio dedutivo. A dedução vai do universal ao particular, a indução do particular ao universal.

Assim, a retórica distingue três gêneros de discursos: o deliberativo, o judiciário e o demonstrativo. O gênero deliberativo possui duas partes, o elogio e a censura, e um tempo que lhe é próprio: o futuro, para aconselhar ou desaconselhar, No gênero judiciário, o tempo é o passado, e a acusação ou a defesa incidem num fator do pretérito. O gênero demonstrativo tem como tempo essencial o presente, é usado para louvar ou até mesmo para censurar, e apoia-se no estado atual das coisas.

## **1.6 – Algumas figuras de retórica**

A retórica apresenta algumas figuras ou translações, que são recursos muito importantes para prender a atenção do receptor nos argumentos articulados pelo discurso. Essas figuras têm por função redefinir uma determinada informação, criam novos efeitos capazes de prender a atenção do receptor. As expressões figurativas conseguem quebrar a significação própria e esperada de um campo de palavras.

As figuras da retórica mais usadas são a metáfora e a metonímia. Segundo Jakobson, a metáfora e a metonímia são uma espécie de matrizes sempre presentes em muitos textos, ora com dominância de uma, ora com a dominância da outra.

A metáfora e a alegoria são artifícios lingüísticos importantes para prender a atenção do receptor nos argumentos articulados pelo sermão. Ela é caracterizada pela substituição, pelo discurso do paradigma inesperado, que

mantém um traço semântico comum, o fundamento, com o abandono de todos os demais traços ou semas implicados dos termos A/B, comparado e comparante, em jogo na substituição, e uma definição produzida do ponto de vista do destinatário (ouvinte, leitor e espectador), que domina representações para as quais não se encontra um designativo mais adequado (Edward Lopes, 1935:5)<sup>16</sup>

A metáfora obedece a alguns procedimentos que lhe são característicos:

1) transparência ou transposição – é a passagem do plano base, que é a significação própria da palavra ou expressão, para o plano representativo e figurativo.

2) associação – é um processo de associação subjetiva entre a significação própria e o efeito figurativo.

As alegorias são significações abstratas, conceituais. Elas se materializam visualmente, na fala e na escrita, e exigem um esforço de tradução para que se descubra seu sentido secreto (Hansen, 1986)<sup>17</sup>.

---

<sup>16</sup> LOPES, Edward. *Metáfora: da retórica à semântica*, p.5

<sup>17</sup> HANSEN, João Adolfo. *Alegoria: Construção e Interpretação da Metáfora*, p.23

### 1.6.1 - Figuras retóricas

As figuras retóricas são recursos lingüísticos que desempenham importantes papéis na persuasão. Possuem alto poder persuasivo, pois ativam nosso sistema límbico, região do cérebro responsável pelas emoções. Criam imagens, humor, encantamento e auxiliam os processos argumentativos

As figuras retóricas têm caráter funcional, e as figuras estilísticas visam à emoção e à estética.

As figuras retóricas podem ser divididas em quatro grupos: figuras de som, de palavra, de construção e de pensamento.

As figuras de som são aquelas que estão ligadas à seleção vocabular por sua sonoridade. Elas controlam o processo de seleção sonora, visam a produzir efeitos especiais dentro de uma argumentação. A figura de som mais conhecida é a paranomásia, (do grego *paranomasia*, que significa formação de palavra tirada de outra com pequena modificação, ou seja, a utilização de sonoridades parecidas e sentidos diferentes). Exemplo: passos/paços (Vieira).

As principais figuras de palavra são a metáfora e a metonímia.

Etmologicamente, metonímia (do grego *metonymia*) significa o emprego de um nome por outro, ou seja, o uso da parte pelo todo. Já a metáfora (do grego *metaphora*) significa transporte, é uma comparação abreviada.

Jensen, no artigo intitulado *Metaphorical constructs for the problem solving process*, classifica as metáforas em diferentes grupos: de restauração, de percurso, de unificação, criativas e naturais.

As principais figuras de construção são: o pleonasma, a hipálage, a anáfora, a epístrofe e a concatenação.

O pleonasma (do grego *pleonasmos*) significa excesso, ou seja, a repetição do óbvio, e é empregado por Vieira. Nos *Sermões*, ele cria o pleonasma de propósito, visando a enfatizar uma idéia ou um argumento: “Sabeis, Cristãos, a causa porque se faz tão pouco fruto com tantas pregações? - É porque as palavras dos pregadores são palavras, mas não são palavras de Deus.”(Vieira. p.116)

A hipálage (do grego *hypallage*) significa troca, ou seja, transferência de uma qualidade humana para entidades não humanas.

Já anáfora (do grego *anaphorá*) é a repetição da mesma palavra no início de frases sucessivas. Ela visa prender a atenção do interlocutor sobre um conceito, durante uma exposição.

A epístrofe (do grego *epistrophé*) é a repetição de palavras no final das frases. Vieira se utiliza essa figura de construção:

Mas dir-me-eis: Padre, os pregadores de hoje não pregam do Evangelho, não pregam das Sagradas Escrituras. Pois como não pregam a palavra de Deus? - Esse é o mal. Pregam palavras de Deus, mas não pregam a palavra de Deus. As palavras de Deus pregadas no sentido em que Deus a disse, são palavras de Deus; mas pregadas no sentido que nós queremos, são palavras de Deus, antes podem ser palavras do Demônio. (Vieira, p.117)

A concatenação consiste em iniciar a frase com uma palavra do final da frase anterior. Tanto a anáfora, como a epístrofe e a concatenação são recursos de informação no processo argumentativo e visam a prender a atenção do ouvinte/leitor na construção do argumento.

As principais figuras de pensamento são: antítese, paradoxo e alusão. Antítese (do grego *antíthesis*, anti+tese, que significa oposição) consiste em contrapor uma palavra ou uma frase a outra de significação oposta. Vieira utiliza-se dessa figura de pensamento no *Sermão da sexagésima*, quando compara os pregadores de sua época com os pregadores antigos: “Antigamente convertia-se o mundo, hoje porque não se converte ninguém? Porque hoje pregam palavras e pensamentos, antigamente pregavam-se palavras e obras. Palavras sem obras são tiros sem balas; atroam; mas não ferem.” (Vieira, p.100)

O *paradoxo* (do grego *paradoxos*) significa o contrário da previsão ou da opinião comum, reúne idéias contrárias.

A *alusão* (do latim *allusione*) significa ação de *brincar com*, ou seja, é uma referência a um fato, a uma pessoa, real ou fictícia, conhecida do interlocutor. Na análise do discurso, essa figura de pensamento é denominada intertextualidade.

A linguagem figurada deve ser a mais natural e espontânea possível. Portanto, a figura deve surgir da natureza do assunto, de acordo com o gênero da composição de que se trata.

As figuras de retórica ou oratória são proferidas nos discursos, em especial, nos sermões. Vieira utiliza-as como instrumento de concretização da

imagem, ou seja, atinge o ouvinte que precisa ser tocado, para que a palavra de Deus frutifique.

- a) gradação: pode ser ascendente ou descendente, indicando o movimento, o desenvolvimento de uma idéia ou de um pensamento: “A primeira perdeu-se, porque a afogaram os espinhos ; a segunda, porque a secaram as pedras; a terceira, porque a pisaram os homens e a comeram as aves.”(Vieira,p.89)
- b) interrogação: quando o orador apresenta alguns questionamentos que ele próprio responde para que o pensamento ganhe vivacidade: “Deixando a lavoura ? Desistiria da sementeira ? Ficar -se ia ocioso no campo, só porque tinha lá ido?”(Vieira, p.91 )
- c) apóstrofe: quando o orador finge dirigir a palavra a um ser animado (ausente) ou inanimado (presente): “ Ah Dia do Juízo! Ah pregadores! Os de cá, achar –vos ei com mais paço; os de lá com mais passos...” (Vieira,p.88)
- d) exclamação: é fundamental para que o orador manifeste os sentimentos súbitos e vivos da alma: “Oh que grandes esperanças me dá esta sementeira! Oh que grande exemplo me dá este sementeiro!” (Vieira,p.92)
- e) reticência: quando o orador interrompe o discurso, de modo que a parte subtendida possa ser interpretada. Serve para suspender a continuidade ou mesmo a conclusão do pensamento para prender a atenção do ouvinte/leitor.



Concluímos o primeiro capítulo, mostrando que o discurso sermonístico possibilita diversas leituras, e que a retórica tem por tarefa buscar os meios de persuadir o ouvinte. Para isso, ela utiliza recursos estilísticos que são importantes para chamar a atenção do receptor nos argumentos apresentados.

No capítulo a seguir, A arquitetura do *Sermão da sexagésima*, estudamos o sermão de Vieira como resultado da construção de novas sintaxes, combinações e articulações.

## II – A ARQUITETURA DO *SERMÃO DA SEXAGÉSIMA*

Proferido na Capela Real de Lisboa em 1655, o *Sermão da sexagésima* é considerado o mais importante de Vieira. Faz uma crítica ao estilo barroco, sobretudo ao cultismo. Seu assunto é religioso, destina-se a transmitir os conhecimentos da fé e a mover as vontades, para que os comportamentos e opções de vida correspondam à doutrina cristã. Sexagésima era, no calendário da Igreja, o segundo domingo antes do primeiro da quaresma, ou seja, aproximadamente sessenta dias antes da Páscoa.

Para pensar no *Sermão da sexagésima*, é importante reportar-nos, de início, ao discurso como fenômeno literário, observando a criação do signo, a função poética, a retórica e a argumentação.

O fenômeno literário é um fazer especial, revela o novo e instaura algo que não existia, operando com a palavra e encontrando nela uma idéia que ainda não havia. Essa palavra desperta a imaginação dos ouvintes/leitores. O sermão como fenômeno literário é uma prática criadora e desestabilizadora da palavra. A palavra ali está em um estado crítico, ou seja, está em processo. As palavras permitem todo tipo de associação, abrem-se por todos os lados e traduzem o encandeamento das idéias. O signo se coloca no lugar de algo ou alguém para representar, bem como funciona e age, porque substitui ou está no lugar de alguma coisa. Visto assim, o signo tem caráter duplo (significante e significado), sem deixar de ser ele mesmo.

Nessa perspectiva, no *Sermão da sexagésima*, Vieira opera criadoramente com a palavra na busca do outro. Por meio de uma comunhão integradora, envolve o leitor/ouvinte num exercício mental: “E se a palavra de Deus até dos espinhos e das pedras triunfa: se a palavra de Deus até nas pedras, até nos espinhos nasce: não triunfar dos alvedríos hoje a palavra de Deus, nem nascer nos corações não é por culpa, nem por indisposição dos ouvintes.” (Vieira,p.98)

Sem dúvida, no *Sermão da sexagésima*, Vieira utilizou a mímese aristotélica<sup>18</sup>: sua mensagem não pode ser confundida como uma simples cópia do sermão bíblico, mas é fruto de um esforço de criação e transformação. A mímese, enquanto processo de representação, envolve uma perda, porque o homem, ao se afastar do real, recria e transforma algo. Vieira, em seus sermões, busca criar e recriar a linguagem, realiza um trabalho estético ao selecionar um vocabulário ambíguo, mas carregado de sentidos próprios. Sua linguagem denota habilidade técnica, é impregnada de intencionalidades, metáforas e rupturas. Mesmo com objetivos práticos (convencer os fiéis),Vieira constrói novas sintaxes, combinações e articulações, atingindo a função poética.

Jakobson não se ocupa da mímese. Para ele, a representação da linguagem exerce função poética quando o princípio de similaridade (semelhança) do eixo do paradigma se projeta sobre o eixo da contigüidade (proximidade) ou do sintagma . A função poética organiza e dirige a obra literária. Ela tem uma intencionalidade que está ligada à enunciação do texto, criando a literariedade, ou

---

<sup>18</sup>ARISTÓTELES. *Arte poética*, p. 234.

seja, a qualidade do que é literário. A qualidade estética protege o texto literário contra o automatismo da linguagem comum, cuja preocupação não é estética, mas funcional e informativa.

No *Sermão da sexagésima*, a função de linguagem predominante é a conativa, pois o sermão é impregnado de intencionalidade. Nele, há também uma combinação da metalingüística com a poética.

A função metalingüística é aquela que possibilita a um código referir-se a ele mesmo. Vieira selecionou e combinou de maneira particular as palavras, procurando obter alguns elementos fundamentais da linguagem poética: o ritmo, a sonoridade, o belo e o inusitado das imagens:

As palavras são estrelas, os sermões são a composição, a ordem, a harmonia e o curso delas. Vede como diz o estilo de pregar do Céu, com o estilo que Cristo ensinou na terra. Um e outro é semear; a terra semeada de trigo, o céu semeado de estrelas. O pregador há de ser como quem semeia, e não com quem ladrilha ou azuleja. Ordenado, mas como as estrelas. (Vieira, p.105)

O barroco foi um estilo de época rico em normas e postulados estéticos. Dirigiu-se mais à visão do que à audição e teve como característica o dualismo, as oposições, o estado de conflito, ou seja, o espírito cristão e o espírito secular. Portanto, o barroco traz uma ideologia conflitual entre o finito e o infinito, o transcendente e o terreno, a razão e a fé. A linguagem barroca apresenta figuras de estilo: anáforas, trocadilhos, jogos conceituais de palavras, paradoxos, oxímoros,

hipérboles, assíndetos, imagens emblemáticas, simbolismos, sinestesias, assimetrias, anacolutos, hipérbatos e ambigüidade.

A literatura é um instrumento poderoso de instrução e educação, porque propõe, denuncia, apoia e até mesmo fornece opções para analisarmos dialeticamente os problemas. Ela tem o poder de transmitir conhecimento e, ainda mais, resulta em aprendizado. Seu grande poder está na humanização pela construção. Vieira, ao produzir o *Sermão da sexagésima*, retira as palavras do nada e as dispõe como um todo articulado. Esse é o primeiro nível humanizador. Portanto, a humanização é o exercício da reflexão, é a aquisição de saber e o afinamento das emoções e do senso de beleza. Vieira, ao arquitetar o sermão, opera com a palavra, e esta comunica algo ao nosso espírito.

Segundo Antônio Cândido<sup>19</sup>, a literatura apresenta níveis de conhecimento intencionais, que são planejados pelo autor conscientemente para serem assimilados pelo receptor. Estes níveis despertam, de imediato, a atenção do leitor/ouvinte e é neles que o autor injeta suas intenções de ideologia, crença e até mesmo revolta.

O Pe. Vieira, no *Sermão da sexagésima*, utilizou alguns recursos lingüísticos importantes para prender a atenção do ouvinte/leitor. Trata-se de expressões figurativas que conseguem quebrar a significação própria e esperada das palavras. Os recursos mais usados foram: a metáfora e a metonímia. A metáfora caracteriza-se por ser uma figura de transferência ou associação. Já a metonímia é a utilização de um termo em lugar de outro, havendo entre eles uma

---

<sup>19</sup> CÂNDIDO, Antônio. *Vários escritos*, p.249.

relação de proximidade. A metonímia, ao contrário da metáfora, nasce de uma relação objetiva entre o plano de base e o plano simbólico do termo.

Vieira introduz a metáfora da guerra: “tiros”, “balas”, “ferem”, para falar da eloquência dos falsos pregadores, atribuindo a eles a falta de conversão pela falta de obras: “Antigamente convertia-se o mundo, hoje por que não se converte ninguém? Porque hoje pregam-se palavras sem obras. Palavras sem obras são tiros sem bala; atroam mas não ferem.” (Vieira,p.100)

As metáforas produzem sentido a partir de um contexto determinado e num dado tempo. Como Vieira se serve de obras e palavras, prepara suas balas para ferir. Por isso, a guerra que ele declara, desde o início do sermão, ganha nomes e verbos ligados à atividade bélica.

A imagética, no *Sermão da sexagésima*, é um desdobramento da palavra, um desenvolvimento. Ela atualiza uma virtualidade léxica<sup>20</sup> e tem sutileza ao operar o encadeamento do discurso. Vieira utiliza o recurso da imaginação sensorial como sustentáculo para a meditação, método indicado por Santo Inácio nos *Exercícios espirituais*.

A imagem do céu estrelado auxilia o acesso ao novo assunto: “As palavras são estrelas”. O desenvolvimento e a composição do sermão são a ordem, a harmonia e o movimento dessas mesmas estrelas: “O pregador há de ser como quem semeia, e não como quem ladrilha ou azuleja. Ordenado, mas como as estrelas.” (Vieira, p.105)

---

<sup>20</sup> SARAIVA, Antônio J. *O discurso engenhoso*, p.32

No sermão, é dito que o céu é semeado de estrelas em uma disposição que se assemelha à dos grãos que o Semeador da parábola lança à terra. Ali uma ordem natural se opõe à ordem artificial do mosaico.

A literatura é importantíssima para o estudo da oratória, pois, embora se utilize da palavra oral, não despreza a palavra escrita. Na oratória, a forma escrita deve se tornar fonte de beleza para a forma oral, pois a elocução baseia-se na expressão literária.

O sermão de Vieira agrada não só aos ouvidos, mas também à inteligência dos leitores/ouvintes. Cada pregador possui sua própria maneira de expressar o pensamento, e o estilo de Vieira torna seu sermão inconfundível, porque procura restringir sempre a pessoa do pregador e ressaltar as qualidades do discurso.

No *Sermão da sexagésima*, a linguagem tem estilo sublime, porque Vieira se serve do mais rico e nobre existente na linguagem para ativar o pensamento humano. O autor põe em jogo as figuras, os ornamentos, para atingir o mais elevado grau da oratória. Ele utiliza todos os recursos da linguagem visando provocar um efeito nos ouvintes.

As provas fornecidas no *Sermão da sexagésima* residem no caráter moral, bem como nas disposições que se criam tanto no ouvinte como no próprio discurso. Vieira seduz e impressiona o ouvinte, transmite dignidade e confiança em suas palavras:

Sabeis Cristãos, a causa porque se faz tão pouco fruto com tantas pregações? É porque as palavras dos pregadores são palavras, mas não são palavras de Deus (...) Se os pregadores semeiam vento, se o

que se prega é vaidade, se não se prega a palavra de Deus, como não há a Igreja de Deus correr tormenta, em vez de colher fruto? (Vieira, p.117)

Nesse fragmento do *Sermão da sexagésima*, o autor foi sedutor e teve poder persuasivo, porque procurou demonstrar a verdade ou o que parece ser verdade. Vieira coloca brilho em sua seleção de palavras, dando-lhes tensão. A preocupação vieiriana está no sentido das palavras, distinguindo suas sutilezas etimológicas.

A arquitetura de um sermão é preparada pelo pensamento, pelo raciocínio. Segue as regras da oratória, com a finalidade de convencer os ouvintes. O *Sermão da sexagésima*, além disso, é um trabalho estético, pois preocupa-se com o texto.

O que Vieira quer com o *Sermão da sexagésima*? Ornamentos ou a conversão das almas? Vieira quis tudo isso e mais. Afinal, o trabalho estético, ambíguo e de vocabulário selecionado, a criação, a adesão do ouvinte/leitor por meio do argumento, bem como a arquitetura imagética, a linguagem figurativa são instrumentos para conduzir os ouvintes à conversão e à verdade. Vieira revela-se consciente das relações da linguagem, conhecia todos os recursos da gramática, da lexicografia, da etimologia, da retórica e da filologia. Dominava todas essas disciplinas:

Notai uma alegoria própria de nossa língua. O trigo do semeador, ainda que caiu quatro vezes, só de três nasceu; para o sermão vir nascendo, há de ter três modos de cair; há de cair com queda, há de cair com cadência, há de cair com caso[...]. A queda é para as coisas, a



cadência é para as palavras, porque não hão de ser escabrosas nem dissonantes; hão de ter cadência. O caso é para a disposição, porque há de ser tão natural e tão desafetada que pareça caso e não estudo: *Cecidit, cecidit, cecidit* (Vieira. p.104)

O *Sermão da sexagésima* está arquitetado com o uso das leis da repetição, da simetria e da oposição. O autor utiliza os antônimos ver/ouvir, cair/subir, arte/natureza, semear/ ladrilhar, pondo em evidência esses pares, colocando-os em oposição à simetria. Vieira expressa-se em forma de díptico, quando uma das faces reproduz inversamente a outra: “Jonas durante quarenta dias pregou um só assunto, e nós queremos pregar quarenta assuntos em uma hora!” (Vieira, p.108)

O discurso de Vieira foi eficaz, pois despertou a imaginação e condicionou o espírito dos ouvintes com a surpresa e os vínculos da analogia e da oposição. Esse tipo de discurso liberta a palavra da lógica e forma a criação literária. O *Sermão da sexagésima* é uma exposição doutrinária e exemplo de excelente pregação. Nele, há simplicidade, elegância, multiplicação de imagens sensoriais e ornamentais.

## 2.1 A estrutura do *Sermão da sexagésima*

O exórdio, a narração e a peroração fazem parte da estrutura do *Sermão da sexagésima*. Sabe-se que o exórdio ou intróito, ou seja, a introdução do assunto não poderá ser maior do que a exposição ou narração, nem a peroração ou epílogo

podem gastar tanto tempo quanto foi usado na exposição. Além da conexão, a clareza é o elemento fundamental do discurso, para que os ouvintes acompanhem o trabalho intelectual do orador.

O exórdio não é mera convenção artística. Portanto, é necessário que o orador organize o assunto que vai ser tratado e, ainda, perceba os obstáculos que poderão surgir, dificultando a pregação. O exórdio visa tornar o auditório atento e dócil, disposto a aceitar os objetivos do discurso. O orador pode conseguir a docilidade dos ouvintes por sua própria pessoa (sua modéstia, dignidade e competência), pelo assunto do discurso, apresentando sua importância e utilidade, e pela inteligência dos ouvintes. Todo e qualquer exórdio deve ser adequado ao assunto, ou seja, deve estar ligado ao texto de modo que seja impossível separá-lo dele.

Na exposição ou desenvolvimento, há a narração de um fato, histórico ou não, mas sempre verossímil. A narração ou exposição é preparada, segundo as regras da oratória, visando a convencer. Seu discurso deve ser um trabalho estético, pois se trata de arte e visa à beleza. Desta forma, a narração deve conter: integridade, proporção e clareza. Toda sua estrutura deve ser conexa, pois as partes têm proporção entre si e com o todo.

A narração deve apresentar as seguintes qualidades: clareza, persuasão, todas as circunstâncias dirigidas ao objetivo final, interesse para chamar a atenção dos ouvintes e brevidade para que não pareça a parte mais importante do discurso.

Na exposição ou narração, há a confirmação e a refutação, que fazem parte da argumentação, pois ali o orador avalia os prós e contras, para que a resposta apareça como uma boa solução.

A parte final do discurso é a peroração, nela se concentra a persuasão. Na oratória sagrada, a peroração termina com uma invocação a Deus, ao céu, ou a algum santo. A peroração é a última impressão que o orador vai deixar de seu discurso. Ela deve ser adequada e arguta, para que o restante do sermão não perca o seu valor.

O discurso de Vieira utiliza muitas vezes os procedimentos estilísticos do cultismo, mas ele é um autor conceptista e tem sido considerado, durante três séculos, um gênio da língua portuguesa. Impressiona-nos por sua capacidade de obter efeitos extraordinários em seus sermões, sem exageros sintáticos ou rebuscamentos metafóricos:

Como hão de ser as palavras? Como as estrelas. As estrelas são muito distintas e muito claras, e altíssimas. O estilo pode ser muito claro e muito alto; tão claro que o entendam os que não sabem e tão alto que tenham muito que entender nele os que sabem. (Vieira, p.106.)

Vieira utiliza um discurso engenhoso, extremamente inventivo e original, sem contudo ser obscuro. Como um autor conceptista, valoriza a ordenação discursiva, seguindo rigorosamente a estrutura clássica.

O tema do *Sermão da sexagésima* é a *Parábola do semeador* ou a *Palavra de Deus*, extraída do *Evangelho segundo São Lucas*.

A primeira parte, o exórdio, inicia-se com a invocação da *Parábola do semeador* mostrando as dificuldades do semear às criaturas. Vieira cita a parábola: “Um semeador semeou as sementes que caíram pelo caminho, pelas pedras ou entre os espinhos. Apenas parte delas caiu em terra boa.” (Lucas,8).

A palavra de Deus vem com a autoridade e a força do Espírito. Ela busca produzir uma outra ação e tem ação libertadora. Ela vem salvar e libertar o que estava perdido, não vem destruir, mas reconstruir, refazer o que estava desfeito. (Comblin, 1986:373)

Na segunda parte, Vieira, ocupando-se com a dificuldade de um sermão ser eficaz, questiona: “se a palavra de Deus é tão poderosa; se a palavra de Deus tem hoje tantos pregadores, por que não vemos hoje nenhum fruto da palavra de Deus?” (Vieira.p,98) Ao tentar responder a questão, ele indica qual será o objetivo de seu discurso: “Esta tão grande e tão importante dúvida será a matéria do sermão. Quero começar pregando-me a mim. A mim será, e também a vós; a mim, para aprender a pregar; a vós, para que aprendais a ouvir”. (Vieira, p.94)

Na terceira parte, Vieira examina, cuidadosamente, as possíveis causas da ineficácia dos sermões. A culpa seria de Deus, ou dos ouvintes, ou do pregador? Depois de ensaiar as duas primeiras possibilidades, conclui que a culpa é do pregador.

Da quarta parte à oitava, Vieira concentra-se em apresentar suas provas e refutações. Visando a convencer, ele examina a culpa do pregador, considerando sua pessoa, sua voz, sua ciência, a matéria e o estilo de seus sermões:

As palavras são as estrelas, os sermões são a composição, a ordem, a harmonia e o curso delas. Vede como diz o estilo de pregar do Céu, com o estilo que Cristo ensinou na terra. Um e outro é semear ;a terra semeada de trigo, o céu semeado de estrelas. O pregador há de ser como quem semeia, e não como quem ladrilha ou azuleja. Ordenado, mas como as estrelas. (Vieira, p.105)

Na oitava parte, o autor detém-se em comentários sobre a voz do orador:

Não clamará, não bradará, mas falará com uma voz tão moderada que se não possa ouvir fora. E não há dúvida que o praticar familiarmente e o falar mais ao ouvido que aos ouvidos, não só concilia maior atenção, mas naturalmente e sem força se insinua, entra, penetra e se mete na alma. (Vieira, p.115)

Na nona parte, que é a parte final do sermão, há uma recapitulação. Vieira retoma sua indagação inicial para afirmar a mensagem conclusiva: “Sabeis, Cristãos, a causa por que se faz tão pouco fruto com tantas pregações? - É porque as palavras dos pregadores são palavras, mas não são palavras de Deus (...) .” (Vieira, p.116)

Na conclusão, Vieira finaliza o sermão, mostrando ao auditório que pregar não é agradar: “A pregação que frutifica, a pregação que aproveita, não é aquela que dá gosto ao ouvinte, é aquela que lhe dá pena”.(Vieira, p.124)

## 2.2 - O sermão e a linguagem da sedução

A palavra sermão, do latim *sermone*, significa conversação. Esse significado remete a um aspecto importante da arte do sermonista Vieira, que é sua natureza persuasiva. Seu discurso parte de um texto bíblico, visando à verdade de uma tradição compartilhada.

Vieira utiliza-se de uma argumentação sedutora, fruto de árduo trabalho com a linguagem, pois o sermão dirige-se a um auditório particular, numa circunstância conjuntural precisa. Em determinada situação, o discurso parece ser monológico. Vieira faz perguntas ao público. São perguntas retóricas. Assim, há uma interlocução inerente ao sermão. Essa dialogia está relacionada ao fato de que o orador visa a uma mudança de comportamento, aspira a criar ou aumentar o assentimento da platéia à tese proposta. Ele não quer apenas transmitir conhecimentos, visa à ação, pois o leitor/ouvinte, ao dar o seu assentimento, mudará de valores e de atitude. Como a mudança de valores relaciona-se com a ação, a aparente voz monológica do sermonista pode ser considerada dialógica.

Para Bakthin (1984:127),<sup>21</sup> não há enunciado sem réplica, nem enunciado que não seja réplica de um enunciado anterior. A própria voz impõe a forma dialógica, pois as palavras são um território comum entre o emissor e o receptor. A voz de Vieira impõe uma forma dialógica, pois é alguém comunicando algo a alguém. A enunciação é fruto da interação entre dois interlocutores, portanto, não há discurso monológico.

---

<sup>21</sup>BAKTHIN, M. *Marxismo e filosofia da linguagem*, p.127.

De modo geral, o sermão tem uma destinação profana. É uma composição singular em sua origem, pois integra elementos transcendentais e conjunturais. O sermão volta-se para os auditórios, para comportamentos, para fatos que fazem parte da história da humanidade. Assim, o sermão tem, normalmente, uma vocação para os extremos, para a exposição pública, para a eficácia política, para modificação de uma situação anterior e, ainda, para a participação da platéia.

Nesse sentido, o sermão é uma forma conjugadora de saber e poder. A visibilidade do poder no púlpito se dá pela articulação entre as fontes de poder internas ao texto, a maneira de pregar e a cena da locução. A eficácia da pregação será medida pela mobilização dos ouvintes/leitores pela conjugação da ideologia com a ação (Althusser, 1974). Assim, o discurso de Vieira centra-se na audiência e, portanto, na linguagem da sedução. Nela, o receptor participa da mensagem. O emissor seduz o receptor pelo modo como interage com o leitor/ouvinte.

A linguagem que visa à sedução é direcionada aos sentidos, aos sentimentos e à imaginação do receptor. Ela deve ser agradável, com palavras carregadas de poesia e sentidos ambíguos. Não deve se preocupar com a concessão e a objetividade, mas ser subjetiva e estender-se pelo tempo que for necessário à exposição. Nessa linguagem, deve predominar mais a sonoridade do que a concatenação. Como a utilização das palavras procura seduzir o receptor, o emissor deve procurar ordenar as palavras de forma a proporcionar-lhe a recriação, em sua mente, daquilo que ouve.

A linguagem de sedução vai persuadir e convencer, vai criar o assentimento do receptor, passar o verossímil, a opinião e o provável com bons argumentos, sugerindo inferências ou tirando-as. Utilizará figuras de estilo ou histórias com esse fim, explica Chalita (2002:78). Segundo Barthes, o emissor dessa linguagem deve utilizar a técnica da sabedoria, ou seja, deve empregar o saber com sabor, desenhar a poeticidade da mensagem e selecionar os elementos expostos no código: o sintagma, o encadeamento e a combinatória.

Para Comblin (1986:65), uma resposta bíblica é a sabedoria. Sabedoria quer dizer arte de viver, modo de atuar, maneira de estar no mundo, de estar relacionando com os outros.

Todo orador deve despertar as paixões, emocionando o receptor, tocando-lhe nos sentimentos, no coração, até chegar ao ápice do patético, comenta Silveira Bueno(1987:73), pois é pelo patético que medimos o valor do orador e do assunto tratado por ele. As figuras de retórica auxiliam muito na sedução no discurso. A interrogação é uma dessas figuras. O orador pergunta e dá ele próprio a resposta para que o pensamento ganhe vivacidade: “Sabeis, cristãos, por que não faz fruto a palavra de Deus? – Por culpa dos pregadores. Sabeis, pregadores, por que não faz fruto a palavra de Deus ? – Por culpa nossa.” ( Vieira, p.99)

O sermão e a linguagem da sedução revelam o princípio poético pelo som (rimas, metrificação e figuras de sonoridade), pela seleção lexical, pela construção sintática (paralelismo, equivalências, montagem coordenada e subordinada) e pelas figuras retóricas (metáforas, metonímias, etc.).



O discurso da sedução fascina e pode comprometer ideologicamente o receptor. De acordo com a formação, preparo intelectual, ambiente cultural, o receptor pode sofrer influência da sedução aplicada pelo orador

### **2.3 Análise e discussão do *Sermão da sexagésima*, do Pe. Vieira**

Analisaremos, a seguir, os mecanismos da argumentação e da persuasão, bem como os artifícios lingüísticos da oratória do Pe. Vieira no *Sermão da sexagésima*.

O *Sermão da sexagésima* foi proferido em 1655, na Capela Real de Lisboa, depois do regresso de Vieira de uma missão no Maranhão, mas não se sabe quando foi escrito, nem se foi escrito para aquela pregação. Composto em dez partes,<sup>22</sup> ele tem como assunto o pregador e seu sermão e como objetivo a conversão .

Na parte inicial, o pregador apresenta-se e insere, no discurso, seus companheiros missionários no Maranhão. Vieira estimula a atenção do público, utilizando a técnica da confutação e formulando questões. Aproxima o texto bíblico do presente, relacionando, explicitamente, o Semeador bíblico com os semeadores evangélicos. Fala das dificuldades encontradas para a frutificação das sementes e dos sofrimentos desses missionários. Não há espaço para deduções, e a exemplificação é um elemento dominante. Para a adesão dos ouvintes, o orador relaciona o texto sagrado ao cotidiano.

---

<sup>22</sup> VIEIRA. *Sermões*, p.87

No término desta parte, Vieira já instaurou o suspense e ainda convida os ouvintes a participarem de sua tentativa de desvendar o mistério do semeador e suas sementes. Para as questões levantadas no sermão, busca encontrar as respostas.

O Semeador bíblico = os semeadores evangélicos da Missão do Maranhão

Semear na terra = pregar no mundo

A pouca ventura do semeador = os sofrimentos dos missionários

No *Sermão da sexagésima*, o silêncio e a palavra buscam espaço: a palavra, na metáfora; o silêncio, no ato de pregar autêntico. Vieira respalda-se na voz de Deus. Faz críticas ao trabalho dos dominicanos, sem mencionar a palavra dominicanos. Instaura um processo de exclusão e inicia outro: o de atribuição de prestígios e de poderes:

Entre os semeadores do Evangelho há uns que saem a semear, há outros que semeiam sem sair, são os que vão pregar à Índia, à China, ao Japão; os que semeiam sem sair, são os que se contentam em pregar na Pátria. Todos terão sua razão, mas tudo tem sua conta. Aos que têm a seara em casa, pagar-lhes-ão a semeadura e hão-lhes de contar os passos. Ah dia do Juízo! Ah pregadores! (Vieira, p.88)

Vieira usa a metáfora para explicar e comover. Assim, fala da seara longínqua e da local, ou seja, daqueles que pregam em casa e dos que enfrentam o

desconhecido com seus sofrimentos. Termina dizendo que os semeadores que têm que viajar terão por crédito o número de passos dados:

A maior é que se tem experimentado na seara aonde eu fui, e para onde venho. Tudo o que aqui padeceu o trigo, padeceram lá os semeadores. Se bem advertirdes, houve aqui trigo mirrado; trigo afogado, trigo comido e trigo pisado.(...) Tudo isso padeceram os semeadores evangélicos da missão do Maranhão de doze anos a esta parte. Houve missionários afogados, porque uns se afogam na boca do grande rio das Amazonas; houve missionários comidos, porque a outros comeram os bárbaros na ilha dos Aroãs; houve missionários mirrados, porque tais tornaram os da jornada dos Tocantins, mirrados da fome e da doença, onde tal houve, que andando vinte e dois dias perdido nas brenhas, matou somente a sede com o orvalho que lambia das folhas. (Vieira, p.90)

Na segunda parte, ampliam-se as associações analógicas anteriores, a partir da imagem criada da sementeira. Vieira identifica-se com o seu público e prossegue inquietando o ouvinte para a descoberta do mistério, por meio, sobretudo, da metáfora do trigo: “O trigo, que semeou o pregador evangélico, diz Cristo que é a palavra de Deus. Os espinhos, as pedras, o caminho e a terra boa em que o trigo caiu, são os diversos corações dos homens”.( Vieira, p.93)

As sementes de trigo = palavra de Deus

Os lugares onde as sementes caíram = coração do homem

No final deste capítulo, Vieira faz a proposição da matéria e se inclui como ouvinte /receptor de sua própria mensagem, explicando seus objetivos:

“Esta tão grande e tão importante dúvida será a matéria do sermão. Quero começar pregando-me a mim. A mim será, também a vós; a mim para aprender a pregar; a vós que aprendais a ouvir.”(Vieira, p.94)

Na terceira parte, Vieira divide o assunto em três planos que julga necessários para a frutificação da palavra, ou seja: do pregador, do ouvinte e de Deus. Dessa divisão, nascem as associações do pregador com a doutrina, do ouvinte com o entendimento, e de Deus com a luz. A partir das três partes em que foi dividido o assunto, podemos estabelecer as seguintes relações:

<p>pregador = espelho = doutrina  Deus = luz = graça  homem = olhos = conhecimento</p>
--

Vieira divide os maus ouvintes em dois grupos:

<p>Os ouvintes (homens) de entendimento agudos = corações embaraçados como espinhos  Os ouvintes (homens) de vontades endurecidas = corações duros e secos como pedras</p>
--

Diz, então, o orador:

Os ouvintes de entendimento agudos e ouvintes de vontades endurecidas são os piores que há. Os ouvintes de entendimento agudos são maus ouvintes, porque vêm só a ouvir sutilezas, a esperar galantarias, a avaliar pensamentos, e às vezes também a picar a quem os não pica. (Vieira, p.97)

O autor explica que, para que o homem possa ver-se, é preciso três coisas: olho, espelho e luz. Sem uma dessas três coisas, não há imagem, pois a luz é a

graça de Deus e essa não pode faltar. Os olhos são para os ouvintes verem-se a si mesmos no espelho para reconhecerem seus pecados:

Para um homem se ver a si mesmo, são necessárias três coisas: olhos, espelhos, e luz. Se tem espelho e é cego, não se pode ver por falta de olhos; se tem espelho e olhos, e é de noite, não se pode ver por falta de luz. (Vieira. p,95)

Vieira afirma que os sermões são estéreis porque falta o espelho, ou seja, o ensinamento dos pregadores. O espelho é um fenômeno limiar, que demarca as fronteiras entre o imaginário e o simbólico (Lacan). A magia<sup>23</sup> do espelho está no fato de que *extensividade* e *intrusividade* permitem olharmos o mundo como também ver-nos como os outros nos vêem, como experiência única. Não conhecemos outra experiência semelhante.

As imagens de “visão” e “espelho” têm presença no texto de Vieira; e também a sintaxe, à medida em que nela se enredam vários recursos e várias vozes dialógicas, resultados de efeitos especulares e espetaculares: ecos, gradações, reiteraões e recursividade.

O orador também impõe a ilusão da reversibilidade: Deus não instaura a falta: “Por parte de Deus, não falta nem pode faltar”(Vieira,p.95), pois a palavra de Deus se infiltra e faz nascer o trigo, mesmo entre os terrenos mais áridos:

---

<sup>23</sup> ECO, Humberto. *Sobre os espelhos e outros ensaios*, p.12

... se a palavra de Deus até dos espinhos e das pedras triunfa; se a palavra de Deus até nas pedras, até nos espinhos nasce; não triunfar dos alvedrios hoje a palavra de Deus, nem nascer nos corações não é por culpa, nem por indisposição dos ouvintes.(Vieira,p.98)

Hábil, Vieira amplia a tensão, joga com as palavras, vale-se das metáforas tradicionais da Igreja, conduz o auditório à adesão às verdades consagradas, mas tinha um propósito definido, o de subverter a interpretação tradicional, segundo a qual os terrenos inférteis são os corações dos maus ouvintes, e, por meio de argumentos baseados na estrutura do real (Perelman 1996), absolve qualquer fiel. Revela os culpados: os pregadores. Valendo-se da heterogeneidade discursiva, o pregador, após discorrer sobre as possíveis causas da falta de conversão dos homens, inclui-se estrategicamente entre os inimigos. Na quarta parte, Vieira introduz a metáfora da guerra: tiros, balas, ferem. Ao falar da eloquência e da necessidade das obras, faz ecoar o silêncio dos falsos batalhadores, atribuindo a eles a falta de conversão. Hierarquiza os obreiros e os sofistas. Ressalta o menosprezo pelo fluxo verbal, pelo processo mecânico do dizer. Para ele, a definição de pregador é a vida, é o exemplo. Por isso, o orador deve possuir obras e palavras.

De acordo com Perelman e Olbrecht-Tyteca (1996), o grau de metaforicidade de um enunciado depende da comunidade interpretativa. Desse modo, as metáforas produzem sentido a partir de um contexto determinado, num dado tempo, por oradores e auditórios precisos.: “Antigamente convertia-se o mundo, hoje por que se não converte ninguém? Porque hoje pregam-se palavras e

obras. Palavras sem obras são tiros sem bala; atroam, mas não ferem.” (Vieira, p.100)

Vieira comenta que, antigamente, os pregadores ensinavam pelo exemplo, hoje ensinam por palavras. Considera que o semeador semeia com as mãos, e mão significa ação. O pregar com a boca usando as palavras atinge o vento, e o pregar com a mão utilizando, a ação, toca os corações, entra pelos olhos, inquieta- nos e transforma o nosso comportamento.

Vieira apresenta as qualidades do pregador, baseando-se em cinco elementos: a pessoa, a ciência, a matéria, o estilo e a voz. O autor ainda ressalta alguns binômios importantes: palavra/obra e olhos/ouvidos.

A palavra/obra está na presença exemplar da vida do orador sagrado. Vieira dá importância à palavra acompanhada da obra, pois o pregador que não relaciona seu sermão a atos e obras não terá a credibilidade dos ouvintes: “Ter nome de pregador, ou ser pregado de nome, não importa nada; as ações, a vida, o exemplo, as obras são as que convertem o mundo.” (Vieira, p.99)

Neste trecho do sermão, apresentam-se, também, os substantivos semeador e pregador, e os verbos semeia e prega, formas do presente. Desta maneira, sintagmaticamente, há uma relação entre estes substantivos e verbos. Os verbos movem o sujeito para pregar, e o pregador precisa da obra. Mesmo com o exemplo da palavra, senão houver a ação, este pregador se esvazia na sentença e não converterá o mundo.

A visualidade é uma característica do Barroco, e Vieira usa o binômio olhos/ouvidos para revelar a importância de a ação acompanhar a representação.

Ele tinha a convicção de que se convence os ouvintes pelo exemplo e que era preciso pregar não aos ouvidos, mas aos olhos, pois estes é que vêem a realidade de forma objetiva:

Verbo Divino é palavra divina; mas importa pouco que as nossas palavras sejam divinas, se forem desacompanhadas de obras. A razão disto é porque as palavras ouvem-se, as obras vêem-se; as palavras entram pelos ouvidos, as obras entram pelos olhos, e a nossa alma rende-se muito mais pelos olhos que pelos ouvidos.(Vieira, p.101)

Ao juntar esse binômio com a teoria da representação e da persuasão, o visual faz-se dominante e há uma combinação entre a retórica e as artes plásticas.

Na quinta parte, Vieira condena os excessos do conceptismo na eloquência religiosa. Valorizando um estilo fácil e natural, condena também a incorporação ao texto, pelo orador, de muitas citações. Emprega palavras com forte significado semântico (aprisionamento, dor, sofrimento) e com estreita relação com a imagem do martírio dando força e movimento à estrutura frasal: “acarretados, estirados, arrastados, despedaçados e só não vêm atados” (Vieira, p.104). Faz as analogias a partir da imagem do trigo que caiu:

Notai uma alegoria própria de nossa língua. O trigo do semeador, ainda que caiu quatro vezes, só de três nasceu. Para o sermão vir nascendo, há de ter três modos de cair: há de cair com queda, há de cair com cadência, há de cair com caso[...]. A queda é para as cousas, porque hão de ser bem trazidas em seu lugar, há de ter queda. A cadência é para as palavras, porque não hão de ser escabrosas nem



dissoantes: hão de ter cadência. O caso é para a disposição, porque há de ser tão natural e tão desafetada que pareça caso e não estudo: *Cecidit, cecidit, cecidit* (Vieira, p.104)

cair com queda = coisas = coisas bem trazidas e em seu lugar  
 cair com cadência = palavras = nem palavras escabrosas nem dissoantes  
 cair com caso(com naturalidade) = disposição = disposição natural e desafetada  
 quatro vezes e só três vezes nasceu , amplifica a alegoria semeador – semente.

Nesse capítulo, há a bela associação analógica entre o céu, que é mais o antigo pregador do mundo, e o pregador missionário. Como pregador, o céu tem as palavras (as estrelas) e sermões (a composição, a ordem, a harmonia e o curso das estrelas):

Como hão de ser as palavras? Como as estrelas. As estrelas são muito distintas, e muito claras e altíssimas. O estilo pode ser muito claro e muito alto; tão claro que o entendam os que não sabem e tão alto que tenham muito o que entender nele os que sabem. (Vieira, p.106).

Para Vieira, o sermão deve ser composto de palavras claras, simples, bem dispostas e ordenadas, distribuídas harmoniosamente, sem os exageros do cultismo e do conceptismo. A imagética alegórica do céu e suas estrelas dentro do discurso destaca as antíteses visuais, que estão relacionadas, por seu teor semântico, a um alargamento significacional, mas num sentido opositivo:

Não fez Deus o céu em xadrez de estrelas de palavras, como os pregadores fazem o sermão em xadrez de palavras. Se de uma parte está branco, de outra há de estar negro; se de uma parte está dia, da outra, há de estar noite; se de uma parte dizem luz, da outra hão de dizer sombra; se de uma parte dizem desceu, de outra hão de dizer subiu. (Vieira, p.105)

branco x negro, dia x noite , luz x sombra, subiu x desceu
--

Vieira apresenta a imagem harmoniosa do céu com suas estrelas em contraposição à imagem do jogo de xadrez, que representa relações antitéticas, em desarmonia. Ele exemplifica e clareia os conceitos por meio de analogias e alegorias, revelando-se um pregador consciente do poder da palavra por seu valor metalingüístico e reflexivo. O autor busca a adesão não apenas à palavra de Deus, mas também ao trabalho dos jesuítas. Vieira institui ao pregar a metáfora da estrela; mas, para a palavra do inimigo, institui a metáfora do pedreiro.

Na sexta parte, Vieira expõe as regras da disposição do sermão. “O sermão há de ter um só assunto e uma só matéria. (...) e não muitas matérias”(Vieira, p.107). Ao falar sobre a matéria, a sonoridade causada pela anáfora “há de...” é acompanhada de verbos na forma infinitiva, que semanticamente remete à urgência da realização da ação e do movimento:

há de defini-la para que se conheça (Proposição)  
há –de dividi-la para que se distinga (Divisão)  
há de prová-la com a Escritura( Confirmação)

há de decorá-la com a razão (Confirmação)

há de confirmá-la com o exemplo (Confirmação)

há de amplificá-la com as causas, com os efeitos, com as circunstâncias, com as conveniências que

de hão de seguir, com os convenientes que se devem evitar (Amplificação)

há de impugnar e refutar com toda a força da eloquência os argumentos contrários (Confutação)

e depois disto :

há de colher

há de apertar

há de concluir (Peroração)

há de persuadir

há de acabar

Num movimento ascendente, novas metáforas surgem, no texto de Vieira, reforçando os sentidos como esta do sermão como uma árvore:

Assim há de ser o sermão: há de ter raízes fortes e sólidas, porque há de ser fundado no Evangelho; há de ter um tronco, porque há de ter um só assunto e tratar uma só matéria; deste tronco hão de nascer os diversos ramos, que são diversos discursos, mas nascidos da mesma matéria e continuados nela.(Vieira, p.109)

Na arte de pregar, Vieira vai do céu, com a metáfora das estrelas, até o solo, com a metáfora da árvore e, por fim, à chamada árvore da vida. Compara o sermão à árvore, pois ela também é dividida em partes, e cada parte exerce uma função própria:

Raízes = o <i>Evangelho</i>
Troncos = uma só matéria
Ramos=diversos discursos(assuntos)
Folhas=palavras selecionadas
Varas = repreensão dos vícios
Flores= as frases
Frutos =a conversão

Na sétima parte, Vieira menciona a palavra ciência, instaurando a dicotomia próprio/alheio. No século XVII, a eloquência sagrada era muito usada, e isso favorecia outras formações discursivas: a paráfrase, a cópia, a imitação e a emulação.

O autor utiliza a alegoria da rede (exemplo bíblico), que, construída pelo próprio pescador e não por mãos alheias, permite pescar homens. Portanto, construir esse tipo de rede significa construir a pregação com suas próprias palavras, sem imitações de textos alheios: “Com redes alheias ou feitas por mãos alheias, podem-se pescar peixes, homens não se podem pescar. A razão disto é porque nesta pesca só quem sabe fazer a rede sabe fazer o laço.” (Vieira. p,112)

No oitava parte, Vieira preocupa-se com a voz do pregador. Explica que as nuances da voz do orador traduzem seu caráter. Recorre às personagens bíblicas, que, por sua força, convencem o ouvinte /leitor:

Tão particular e tão próprio de cada um, que bem mostra que era S. Mateus fácil, João misterioso, Pedro grave, Jacó forte, Tadeu sublime e todos com tal valentia no dizer, que cada palavra era um trovão, cada cláusula um raio e cada razão um triunfo. (Vieira, p.113)

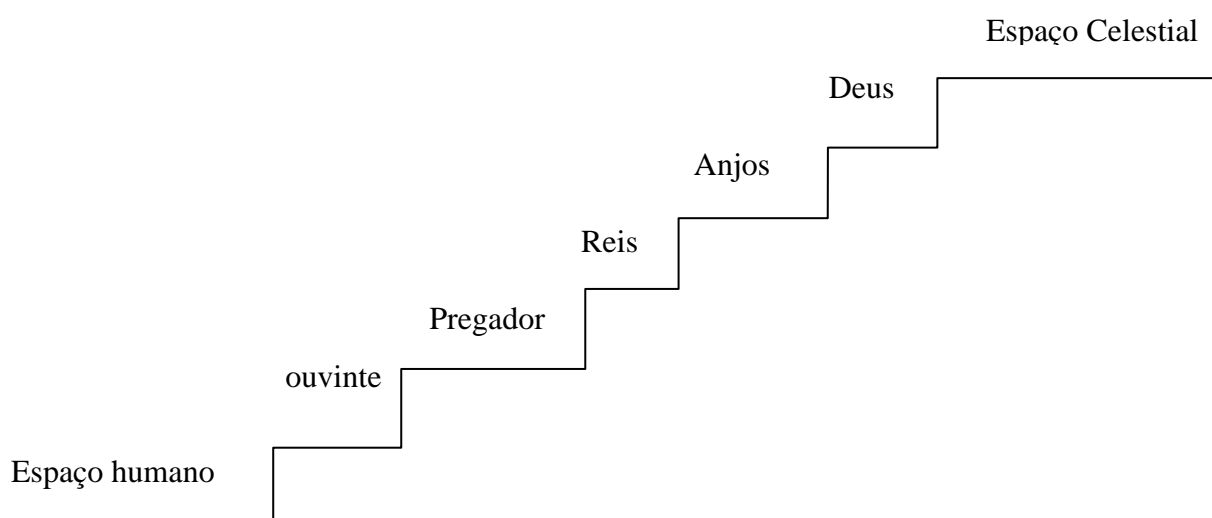
Na nona parte, Vieira dedica-se à palavra e ao púlpito com seus diferentes significados dentro da Igreja. Ele discorre metalingüísticamente sobre a linguagem e seu poder de comunicação. Fala sobre os vários tipos de pregadores, que interpretam diferentemente a arte de pregar. Por atuarem nos púlpitos, todos, a seu modo, cumprem (ou pensam que cumprem) sua missão. Na verdade, embora todos se respaldem no discurso bíblico como suporte argumentativo, são sempre dogmáticos. Isso estabelece uma relação de verdade entre o locutor e suas intenções no ato comunicativo. Vieira não esconde sua verve autoritária, ao dar a sua resposta sobre o que ele entende por pregar:

Sabeis, Cristão, a causa por que se faz tão pouco fruto com tantas pregações? - É porque as palavras dos pregadores são palavras, mas não são palavras de Deus. (...) Se os pregadores semeiam vento, se o que se prega é vaidade, se não se prega a palavra de Deus, como não há de a Igreja de Deus correr tormenta, em vez de colher fruto? (Vieira, p. 116)

A metáfora da tempestade, da tormenta prepara o ouvinte para o trocadilho:

Esse é o mal. Pregam palavras de Deus, mas não pregam a palavra de Deus. (...) As mesmas palavras que, tomadas no sentido em que Deus as não disse, são tentações. Eis aqui a tentação com que então quis o Diabo derrubar Cristo, e com que hoje lhe faz a mesma guerra no pináculo do Templo. O pináculo do Templo é o púlpito, porque é o lugar mais alto dele. (Vieira, p.117)

Na parte seguinte e final, Vieira constrói a imagem do espaço: no alto coloca a tribuna de Deus, depois a dos anjos, a dos reis, a do pregador e, finalmente, a do ouvinte. A representação imagética atribui uma escala de importância à localização espacial, evidenciando dicotomias antitéticas (céu/terra, visível/ invisível, espaço divino/espaço humano): “Acima das tribunas dos reis, estão as tribunas dos anjos, está a tribuna e o tribunal de Deus; que nos ouve e nos há de julgar.”(Vieira, p.125)



A lógica de Vieira não apenas ordena o pensamento, mas se traduz em um jogo de conceitos. Seus argumentos baseiam-se nos conhecimentos bíblicos, o seu repertório vocabular amplia a visão de mundo e embeleza o texto. Ele domina os signos pela linguagem carregada de significados, com traços melódicos e marcado pela função poética. Os artifícios lingüísticos usados por Vieira, no *Sermão da sexagésima*, servem para desvendar uma visão de mundo comprometida tanto com a causa dos oprimidos, como com os valores cristãos dos testamentos evangélicos.

Considerando que o sermão é um fazer especial, que tem por objetivo seduzir e conscientizar os ouvintes/leitores, vemos que Vieira, no *Sermão da sexagésima*, faz uso da função conativa juntamente com a metalingüística e a função poética. Também percebemos que a construção desse sermão obedece às leis da repetição, da simetria e da oposição. Há, nele, uma estrutura pendular um (vai e vem), um retorno à mesma situação, ou seja, à mesma pergunta: “Por que não faz fruto a palavra de Deus?” Esse questionamento mantém o ouvinte interessado em acompanhar o raciocínio de Vieira na busca por uma resposta. O pregador brinca com o ouvinte, o conduz pelos ouvidos para a construção do texto. O *Sermão da sexagésima* parece um jogo de esconde-esconde que dá movimento ao texto. Ao concluir um raciocínio, Vieira apresenta uma nova questão, provocando o leitor a continuar neste jogo que pode ser visto como um recurso poético, pois envolve a sensibilidade, bem como o assentimento do receptor.

As personagens bíblicas apresentadas no *Sermão da sexagésima* são elementos importantes: João Batista, Jonas, Tadeu entre outros. Eles trazem, por si só, seu brilho, ou seja, convencem . Vieira evidencia a função emotiva ao lado da conativa, gerando o convencimento.

No próximo capítulo, *A arte oratória de Vieira*, falaremos da teatralização do discurso, da maneira de dizer e argumentar do autor, da evangelização como um conjunto de técnicas discursivas e da linguagem da sedução.



### III - A ARTE ORATÓRIA DE VIEIRA

Do século XII ao XVII, a oratória foi muito difundida na Europa, pois as pregações, que muitas vezes eram verdadeiras encenações teatrais, buscavam transmitir as idéias da Igreja, auxiliando na concretização do projeto da Reforma Católica.

#### 3.1 - O púlpito

O púlpito, nesse período, era muito valorizado nas igrejas por ser o palco da teatralização do sermão, um tipo de discurso que valoriza o plástico e o sensorial, algo para ser visto e ouvido. Assim, pelo clima de encenação, ou seja, ao articular o ver e o ouvir, a igreja barroca torna-se um teatro, como revela esta passagem do *Sermão pelo bom sucesso das armas de Portugal contra as de Holanda*:

(...) e se esta representação vos não enternecer e tiverdes entranhas para ver sem grande dor, executai-o embora. Finjamos, pois (o que até fingido e imaginado faz horror): finjamos que vem da Bahia e o resto do Brasil a mãos dos holandeses; que é o que há de suceder em tal caso? – Entrarão por esta cidade com fúria de vencedores e de hereges; não perdoarão a estado, a sexo nem a idade, com os fios dos mesmos alfanges medirão a todos.<sup>24</sup>

---

<sup>24</sup> VIEIRA. *Sermão pelo bom sucesso das armas de Portugal contra as de Holanda*, p. 47-48.

Na Idade Média, a fé passava pelo órgão da audição, pois a primazia da teologia era a palavra. É pela palavra que a Igreja exerce sua autoridade. As narrativas evangélicas transformavam-se em representações, em alegorias.

Assim, Ignácio de Loyola, em seus *Exercícios espirituais*, elegeu a imagem como matéria das meditações. Vieira, por sua vez, foi mestre em fazer os ouvidos verem, e o barroco ficou conhecido como a arte da visão:

Entremos e vamos examinando o que virmos por parte. Primeiro que tudo vejo cavalos, liteiras e coches: vejo criados de diversos calibres, uns com líbres, outros sem elas: vejo as cobertas de ricos tapizes: das janelas vejo ao perto jardins, e ao longe vejo quintas; enfim vejo todo o palácio e também o oratório; mas não vejo a fé. E por que não aparece a fé nesta casa? Eu direi ao dono dela. Se os vossos cavalos comem à custa do lavrador, e os freios que mastigam, as ferraduras que pisam, e as rodas e o coche que arrastam são dos pobres oficiais, que andam arrastados sem cobrar um real; como se há de ver a fé na vossa cavalaria? <sup>25</sup>

O sermonista Vieira condena o estilo de pregar dos dominicanos, pois o acha afetado e refere-se com desdém ao uso que os religiosos da ordem de São Domingos fazem do púlpito: “Uma das felicidades que se contava entre as do tempo presente era acabarem com as comédias em Portugal, mas não foi assim. Não se acabaram, mudaram-se: passaram do teatro para o púlpito.”<sup>26</sup>

---

<sup>25</sup> Sermão da Quinta Domingo da Quaresma. Apud Bosi, *Dialética da colonização*, p. 131.

<sup>26</sup> VIEIRA, Cartas. Apud Antônio Sérgio. *Ensaio*, vol. V, p. 99.

Vieira se posiciona contra o misticismo contemplativo dos dominicanos. Achava cômodo ficar na metrópole e buscar surpreender o público com sermões gongóricos. Os jesuítas concebiam o sermão como um combate. Já os dominicanos o consideravam um espetáculo. Visavam ao prazer dos ouvintes e à glória do autor, valorizando as sutilezas de sua técnica.

Para Vieira, o sermão dos dominicanos era uma comédia transferida do palco para o púlpito. O historiador José van Besselaar comenta que o púlpito era, muitas vezes, um teatro em Portugal, já que algumas pessoas cultas freqüentavam as igrejas ou para ouvir a pregação de um célebre orador, ou porque não tinham possibilidades de assistir à uma representação teatral. Esse fato revela que havia disputas entre os pregadores famosos da época.

Por outro lado, a figura do pregador nas igrejas barrocas é centralizadora. Indica o poder do pregador, pois este detém a palavra, conhece muito o texto bíblico e, ainda, funciona como agregador, pois fortalece e conduz o grupo. O orador ocupa um lugar de destaque, e o púlpito é seu posto de observação. O sermonista, como sacerdote, tem acesso exclusivo ao púlpito, cuja preeminência arquitetônica ressalta o papel do orador. É escolha do pregador o trecho bíblico a ser lido. O sermonista veste-se de modo singular. Tudo isso estabelece entre o sermonista e o público uma relação de desigualdade. Há uma distância entre o púlpito e o público, separando os ouvintes do detentor da fala.

O sermonista utiliza os poderes da argumentação, a linguagem sensível. A sensibilidade é um dom natural e consiste em perceber os sentimentos de maneira pessoal. O pregador deve ser receptível, pois os gestos denunciam sua

sensibilidade, além disso deve ter boa dicção. A oratória visa a comover e até mesmo persuadir, e a serenidade capta a simpatia do ouvinte.

Para conseguir a adesão do ouvinte, o sermonista recorre a todos os meios de expressão e a enredos. Discute para convencer e, em seguida, converte. Influi no espírito dos ouvintes por meio de recursos imagéticos e do jogo de palavras, do trocadilho. Como bom pregador, não obriga, nem impõe: persuade .

Alcir Pécora (1994) chama a atenção para o fato de que Vieira realiza a cerimônia da missa da mesma forma com que profere o sermão : com ornamentação e ostentação lingüística . Essas características adequam –se ao teatro da fé.

A tribuna, portanto, representa o poder da linguagem. Nesse palco, a razão vieiriana é argumentativa e persuasiva, retórica e política, e o discurso se apresenta como combate, espetáculo e drama.

### **3.2 - O sermonista Pe. Vieira**

Antônio Vieira nasceu em Lisboa em fevereiro de 1608. Chegou ao Brasil ainda criança, em 1614, e iniciou seus estudos na Companhia de Jesus. Conta-se que, ainda pequeno, ao rezar a Virgem das Maravilhas, sentiu um estalo na cabeça que lhe clareou as idéias e o tornou brilhante para o espanto de seus professores e colegas.

Além da teologia, Vieira estudou, lógica, física, metafísica, matemática e economia. Atraído pela ação missionária, dedicou-se à tarefa da catequese.

Em 1627, Antônio Vieira lecionou retórica em Olinda, logo após pregou na Bahia e se ordenou em 1634. Foi professor de Teologia, mas foi como pregador que ficou famoso porque defendeu pobres e oprimidos.

Em 1604, D. João IV restaura a monarquia portuguesa e Vieira embarca para Lisboa com a missão de apresentar a fidelidade do Vice-Rei do Brasil, D. Jorge de Mascarenhas, ao novo rei de Portugal. Nesse período, Portugal vivia momentos difíceis, econômica e politicamente, e Vieira cativa a amizade da família real com seus sermões.

Vieira, em suas pregações, utiliza a retórica, além de sua memória prodigiosa e de sua habilidade de orador digno de fé, capaz de produzir nos ouvintes uma paixão transformadora. Foi um pregador que viveu com prazer também o apostolado político e social, estando também presente em questões que diziam respeito à coisa pública. Para ele, o púlpito era um lugar privilegiado para emitir juízos críticos e opiniões severas sobre assuntos mundanos. Foi um autêntico homem público.

Em 1681, debilitado pela idade, Vieira abandonou a Corte e regressou à Bahia. Passa a organizar seus sermões para transformá-los em livros.

Em 17 de junho de 1697, aos 89 anos, morre na Bahia este pregador religioso e missionário.

O sermonista Vieira persuadia e obtinha a adesão da platéia graças à argumentação. Para os ouvintes, sua voz era a voz de Deus. Nesse sentido, o

sermão é algo muito importante, pois, por meio dele, a palavra de Deus se revela ao mundo e faz história.

O discurso de Vieira centrava-se no ouvinte/leitor, que, mesmo mudo, representa a potencialidade de resposta:

É cousa tão natural responder, que até os penhascos duros respondem; e para as vozes têm ecos. Pelo contrário, é tão grande violência não responder, que aos que nasceram mudos fez a natureza também surdos; porque, se ouvissem e não pudessem responder; rebentariam de dor.<sup>27</sup>

O auditório é muito importante e pode funcionar como uma espécie de personagem do sermão. O sermonista Vieira foi professor de Retórica no Colégio de Olinda e se formou na Escolástica Seiscentista, que cultuava a dialética pela dialética e via o público sempre como um co-locutor, embora permanecesse silencioso na sua condição de ouvinte:

Nas cores que o auditório mudava, bem via eu claramente os afetos que por meio destas palavras Deus obrava nos corações de muitos, os quais logo ali saíam persuadidos a se querer salvar, e aplicar os meios que para isso fossem necessários a qualquer custo.<sup>28</sup>

---

<sup>27</sup> VIEIRA. *Carta aos padres do colégio da Bahia*, 1694. Apud Cidade, *Padre Antônio Vieira*, p. 78

<sup>28</sup> VIEIRA, *Cartas*, tomo I, p. 339 Apud Cidade, *Padre Antônio Vieira*, p. 132.

A eficácia do sermonista Vieira na mobilização dos ouvintes é obtida pela conjugação de fontes de poder, ou seja, o sermão é a ideologia da ação, pois há um vínculo entre a palavra e a ação, e o discurso bem organizado garante o êxito da ação e, ainda, apresenta a noção de projeto. O projeto é uma construção verbal que precede a realização do sermão. Dele decorrem as normas do discurso, a ação, a realidade e até a condição do sucesso.

O projeto vieiriano reforça o papel de mediadores da Igreja, representado pelos missionários da Companhia de Jesus, que tinham por missão a organização da monarquia católica universal e a construção do império português do século XVII. Vieira tinha por objetivo reforçar as missões jesuíticas como condição do êxito da ação espiritual da Igreja e do fortalecimento político do Estado português. Disso resulta o extraordinário papel missionário da Companhia de Jesus no cumprimento do plano salvífico da Providência, tanto para a história humana como para as almas individuais dos homens.

Vieira acentua o papel missionário de Portugal no mundo: para ele, cabe a Portugal avançar sobre os gentios e trazê-los para a Cristandade, por isso os descobrimentos eram matérias sacras. A Companhia de Jesus tornou-se um corpo místico e político, pois considerava que a Portugal havia sido dada a missão de propagação da fé Católica no Novo Mundo.

Sob este ponto de vista, Vieira busca uma espécie de conciliação entre a consciência cristã e as práticas de eficácia temporal. Há uma freqüente mistura entre religião e negócios em seus sermões. Neles, Vieira aborda temas temporais e

espirituais, evidenciando os frutos histórico- políticos advindos da sementeira ético-religiosa.

Portanto, nos discursos de Vieira, há a impossibilidade de se traçar limites rígidos entre o temporal e espiritual, pois, para ele, o bem comum do governo, da monarquia, é análogo ao projeto de salvação da comunidade religiosa. Há uma estranha combinação que une o rebanho de Cristo e o corpo do Estado. Vieira usa o signo com valor utilitário e de todas as formas possíveis para obter o apoio do Rei.

A leitura dos sermões mostra de um lado, um Vieira pronto para utilizar os artifícios linguístico - discursivos para apoiar o Rei, com sua palavra candente e ação arrojada, e, de outro, um Vieira sacerdote, de espírito aberto, dedicado à luta pela liberdade dos índios.



### 3.2.1 – As obras do sermonista Vieira

As obras de Vieira advêm da sua vivência de pregador, na dimensão do *ethos* ou caráter, do *pathos* ou paixão e do *lógos* ou ação discursiva. Seus discursos nascem de um conceptismo de natureza ideológica, política, religiosa e também estética, e apresentam cinco elementos:

- a) a argumentação,
- b) a atitude do pregador,
- c) a palavra como ação,
- d) a engenhosidade,
- e) a eloquência,

Na época em que Vieira viveu, havia em Portugal, a crença no *Quinto Império*, que supunha, para seu advento, o aumento progressivo da fé e um imperador destinado a vencer o inimigo religioso, a reconquistar Jerusalém e a instaurar a paz e o catolicismo universal. Essa crença tem sua origem no chamado sebastianismo. D. Sebastião, nascido em 1554, foi o rei que “desapareceu” na batalha de Acácer - Quibir, sem deixar herdeiros, permitindo assim, que Portugal fosse anexado à Espanha. Seu corpo não foi encontrado, mas muitos se recusaram a crer que ele estivesse morto. Para o povo, D. Sebastião retornaria, libertaria o reino e resgataria a felicidade dos portugueses.

O estabelecimento do *Quinto Império* com a conversão universal, para Vieira, não foi apenas uma crença, mas tornou-se ação concreta por meio de suas atividades discursivas. Vieira, o pregador, foi um elemento fundamental para a

idéia do advento desse Império, pois exorta o rei como um profeta; converte os súditos (judeus e gentios) como missionário e, ainda, convence como orador.

O caráter emocional da argumentação de Vieira teve grande importância naquele momento histórico, devido sobretudo à apologética ideológica da Restauração, Nacionalista, difundida,<sup>1669</sup> por uma literatura insistente e prolífera, que via em D. João IV o sucessor de D. Sebastião.

Por esta razão, Vieira utilizava todo tipo de argumento: histórico, etimológico, miraculoso e sibilino, visando a provar os direitos da Coroa Portuguesa perante o Papa, as nações e a opinião pública.

O dizer de Vieira era exemplar do ponto de vista apostólico e argumentativo: sua validade estava nos textos sagrados trazidos como prova e no ritualismo da sua interpretação.

Vieira foi um homem barroco, o centro de sua vida foi o palco e a política. Recorreu aos heróis bíblicos e evangélicos. Para ele, as vozes dos pregadores eram como a de Deus, pois o pregador religioso é aquele que fala à terra e aos homens em nome de d'Ele e isso constitui um traço importante do sermão barroco. A oratória de Vieira é verossímil, pois se apoia na autoridade dos textos bíblicos. Quanto mais adequadamente Vieira conseguisse acomodar o texto bíblico à proposição sustentada, maior valor seu discurso tinha.

### **3.3 - O texto sermonístico: pregação, sedução e evangelização de**

#### **Pe. Vieira**

O texto sermonístico não é somente um ensinamento dos deveres dos cristãos, mas é sobretudo um discurso argumentativo.

O anúncio do evangelho, feito pela homilia, epístola, catequese etc., é chamado de predição, ou seja, pregação. Já a evangelização é a ação, o conjunto de técnicas discursivas que visam a provocar a adesão das pessoas e obter o seu assentimento.

Segundo Comblin (1986:345), a evangelização é uma palavra que deve dar, infundir e criar vida e ela desperta vocações de serviço.

Os primeiros missionários, no Brasil, foram os franciscanos e os dominicanos, que não mediam esforços para instruir o povo na doutrina. Os pregadores viam nos indígenas a simplicidade que os motivava a retornar ao cristianismo primitivo. Utilizavam gramáticas, catecismos e sermonários para sanar a falta de entendimento da mensagem cristã pelos gentios.

A obra missionária era motivada pela possibilidade de continuar a obra apostólica. Havia a esperança de que surgissem novas comunidades cristãs, que contribuíssem para a expansão e a renovação da Igreja Romana. No século XVI, pelas ações de alguns religiosos, foram organizadas as “doctrinas”, povoações e paróquias. No século seguinte, houve conflitos entre a Igreja missionária e a civilização colonizadora. Foi criada a Propaganda Fide (1622), que visava a limitar os poderes do patronato espanhol e português. Assim, os

companheiros de Ignácio de Loyola entendiam que a direção das missões devia responder ao Papa e não aos reis. Neste século, retomou-se a utopia da evangelização no continente americano. Com isso, aumentou o gosto pelo barroco nas artes discursivas e visuais. É nesse momento que Vieira profere seu célebre *Sermão da sexagésima*. Foi ele decisivo para a trajetória política e literária de Vieira, e foi considerado por ele como uma espécie de prefácio da sua sermonística.

Num primeiro momento, o *Sermão da sexagésima* não parece destinar-se a reconstruir a utopia da evangelização no Novo Mundo. Os elementos principais da elocução de Vieira remetem ao contexto ético, político e estético europeu, principalmente o ibérico.

Vieira critica o “pregar culto” e os “estilos modernos”, sobretudo dos dominicanos, especialmente os sermões de Frei Domingos de São Tomás, o principal pregador dominicano, com seu estilo gongórico<sup>19</sup>.

Os vícios da pregação, apontados por Vieira, chegavam ao conhecimento dos oradores pelos livros da época: artes retóricas, instruções de pregadores, sermonários etc. E os preceitos neles dispostos adivinham da reforma da pregação iniciada no século XVI.

O *Sermão da sexagésima* foi proferido após o regresso de Vieira ao Maranhão em 1653, depois de ter passado 11 anos na corte portuguesa e também, França e Holanda (1641 – 1652). Vieira encontra, no Maranhão, a catequese inquietada pela ganância e crueldade dos colonos com os indígenas. Naquele ano,

Vieira teve de ir para a missão no norte do Brasil (Rio Curupá, Pará e Tocantins), onde sofreu os martírios a que se refere no exórdio do *Sermão da sexagésima*.

Em 1654, ele retorna à Portugal com o objetivo de obter a autonomia das missões. Com a ajuda das autoridades civis, os evangelizadores jesuítas queriam impedir que os colonizadores abusassem dos índios.

No *Sermão da sexagésima*, Vieira subordina a arte de pregar à sua experiência eclesial evangélica. Visa a persuadir o auditório (o português, o rei e sua corte). Sua evangelização foi eficaz, porque a sua estratégia foi a de simular um combate entre a verdade e a impostura. Atacava a pregação “barroquista” a que o auditório estava acostumado. Para ele, o discurso do sermão barroquista é a negação da sentença bíblica “Semen est Verbum Dei”, onde “semen” semente corresponde a “semeion” (signo), restituindo assim a semelhança entre discurso (signo) e seu objeto (semeadura da palavra divina).

---

<sup>19</sup> Gongorismo: escola espanhola de poesia, do final do século XVI e início do século XVII, que se caracteriza pelo uso freqüente de figuras de linguagem e de pensamento.

## Considerações Finais

Esta dissertação teve por objetivo analisar o *Sermão da sexagésima*, do Pe. Antônio Vieira, explicitando os mecanismos da argumentação e da persuasão, bem como o uso de dois artifícios lingüísticos: a metáfora e a alegoria. Por se tratar de um texto religioso, sua intenção era converter os ouvintes e levá-los à ação.

A dissertação está dividida em três capítulos. No primeiro, *A retórica do sermão*, explicamos que a retórica busca persuadir o ouvinte. Por isso, o sermão carrega traços emotivos, pois a mensagem visa a seduzir o receptor que colabora com a emissão da mensagem. Apresentamos os vários tipos de discursos (o polêmico, o lúdico e o autoritário) e, também, os raciocínios discursivos, bem como as principais figuras de construção (o pleonismo, a hipálage, a anáfora, a epístrofe) e as figuras de pensamento (antítese, paradoxo e alusão) presentes no *Sermão da sexagésima*.

No segundo capítulo, *A arquitetura do Sermão da sexagésima*, abordamos o discurso de Vieira como um fenômeno literário revelador de um fazer especial, de um trabalho estético de seleção de palavras, às vezes ambíguas, mas carregadas de sentidos próprios e chegando à função poética. Vimos que o autor utiliza a técnica da sabedoria, pois suas respostas estão fundamentadas nos trechos bíblicos.

Mostramos que Vieira utiliza um discurso inventivo e original e segue a estrutura clássica. A primeira parte do sermão inicia –se com a invocação da

*Parábola do semeador*. Na segunda parte, o autor mostra qual será o objetivo do sermão. Na terceira, Vieira examina as causas da ineficácia do sermão. Da quarta parte à oitava, Vieira apresenta suas provas e refutações .

Na nona parte, o autor recapitula sua indagação inicial . E, na décima parte, faz a conclusão de seu discurso.

Vieira discute a questão da pregação. Tenta encontrar seu problema no sistema comunicativo e introduz o leitor/ouvinte numa análise do discurso. Assim, o fazer e o analisar a linguagem caminham juntos, ou seja, temos a metalinguagem.

No terceiro capítulo, *A arte oratória de Vieira*, mostramos que a oratória difundiu-se na Europa, onde as pregações eram, muitas vezes, encenações teatrais, visando a transmitir o ideário católico para contribuir com o projeto de reforma da Igreja.

Vimos que Vieira utilizava a retórica, além de sua memória prodigiosa e de sua habilidade de orador digno de fé, e de produzir nos ouvintes uma paixão transformadora. Para ele, o púlpito era um lugar privilegiado para emitir juízos críticos e opiniões severas sobre assuntos mundanos.

O púlpito, nas igrejas, pode ser considerado um palco, por valorizar o plástico e o sensorial, articulando o ver e o ouvir. Por isso, Inácio de Loyola, em seus *Exercícios espirituais*, elegeu a imagem como matéria das meditações. Vieira foi mestre em fazer os ouvidos verem.

Vieira critica o misticismo contemplativo dos dominicanos, pois os jesuítas concebiam o sermão como um combate, enquanto que os dominicanos o consideravam um espetáculo.

Vieira acentua o papel do missionário de português no mundo: para ele, cabe a Portugal buscar os gentios e trazê-los para a Cristandade, por isso os descobrimentos eram matérias sacras.

Vimos que a evangelização é ação, e que deve criar vida e despertar vocações de serviço, sendo que os primeiros vocacionados, no Brasil, foram os franciscanos e os dominicanos.

Consideramos que o *Sermão da sexagésima* é uma exposição doutrinária exemplar. Nela, Vieira subordina a arte de pregar à sua experiência eclesial evangélica, por isso sua evangelização foi eficaz, confirmando seu desempenho como visionário e político em um projeto de ação missionária permanente.



## Referências Bibliográficas:

- ABREU, Suárez Antônio. *A arte de argumentar: Gerenciando Razão e Emoção*. 4. ed. São Paulo: Ateliê. 2001.
- ANDRADE, M. M. *Introdução à Metodologia do Trabalho Científico*. São Paulo: Atlas, 1993.
- ALTHUSSER, L. *Ideologia e Aparelhos Ideológicos de Estado*, Biblioteca de Ciências Sociais, Portugal: Presença/Brasil: Martins Fontes, 1974.
- BAKHTIN, M. *Maxismo e Filosofia da Linguagem*. 8 ed. São Paulo: Hucitec, 1994.
- BENVENISTE, E. *Problemas de Lingüística Geral I*. São Paulo: Nacional, 1976.
- BÍBLIA SAGRADA. Tradução dos originais hebraico e grego feita pelos Monges de Maredsous (Bélgica). São Paulo, ed. 50, Ave-Maria, 2004.
- BOSI, Alfredo. *Vieira ou a Cruz da desigualdade*. In: *Dialética da Colonização*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- BRANDÃO, Nagamine Helena. H. *Introdução à Análise do Discurso*. 5. ed. São Paulo: Unicamp, 1995.
- BRANDÃO, Oliveira Roberto. *As Figuras de Linguagem*. São Paulo: Ática.
- BUENO, Silveira. *A arte de falar em público*. 10. ed. São Paulo: Brasillivros, 1987.
- CALVO GUINDA, Francisco Javier. *Homilética*. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 2002.
- CHALITA, Gabriel. *A sedução no discurso. O poder da Linguagem nos Tribunais de Júri*. 3. ed. São Paulo: Max Limonad, 2002.

- CHAUÍ, Marilena. *Convite à Filosofia*. 6. ed. Argentina: Ática, 1997.
- \_\_\_\_\_. *O que é Ideologia*. 38 ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- CIDADE, Hernani. VIEIRA, Pe. Antônio. *A obra e o Homem*. Acácia: Livraria Portugal, 1979.
- \_\_\_\_\_. *Padre Antônio Vieira*. Lisboa: Editorial Presença, 1985.
- CITELE, Adilson. *Linguagem e Persuasão*. 12. ed. São Paulo: Ática, 1998.
- COMBLIN, José . *A força da palavra*. Rio de Janeiro: Vozes, 1986.
- CUNHA, Antônio Geraldo. *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1989.
- DUCROT, O. *Dire et ne pas dire*. Paris: Hermann, 1972.
- ECO, Humberto. *Como se faz uma tese; Metodologia*. São Paulo: Perspectiva, 1983.
- \_\_\_\_\_. *A estrutura ausente*. São Paulo: Perspectiva, 1984.
- FERREIRA, Buarque de Holanda Aurélio. *Mini Aurélio Século XXI*. ed.5 .Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001
- FILHO, Ciro Marcondes. *A linguagem da sedução*. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1988.
- FRANCA, Leonel. *O Método Pedagógico dos Jesuítas*. [s.l]: Agir, [19--?].
- HANSEN, João Adolfo. *Alegoria: Construção e Interpretação da Metáfora*. 1. ed. São Paulo: Atual, 1986.
- JACKOBSON, Roman. *Linguística e Comunicação*. São Paulo: Cultrix, 1994.
- LINS, Ivan. *Aspectos do Padre Antônio Vieira*. Rio de Janeiro: São José, 1962.

- LISBOA, João Francisco. *Vida do Pe. Antônio Vieira*. São Paulo: W. M. Jackson INC, 1956.
- LOPES, Edward. *Metáfora da Retórica à Semântica*. 2. ed. São Paulo: Atual, 1997.
- LORO, Tarcísio Justino. *Comunicação e Pregação*. In *Comunicação e Missão da Igreja*. São Paulo: Paulinas, 1989.
- MENDES, Margarida Vieira. *A Oratória Barroca de Vieira*. Editorial Caminho, 2 ed. Lisboa, 1989.
- MEYER, Michel. *Questões de Retórica: Linguagem, Razão e Sedução*. Lisboa, Portugal: Edições 70, 1993.
- ORLANDI, Pulcinelli Eni. *Discurso e Leitura*. São Paulo: Cortez, 1998.
- \_\_\_\_\_. *Linguagem e seu Funcionamento*. 4. ed. São Paulo: Pontes
- \_\_\_\_\_. *O que é Lingüística*. 6. ed. São Paulo: Brasiliense, 1993.
- PÉCORA, Alcir. *Vieira, o índio e o corpo místico*. In: NOVAES, Adauto. (org.) *Tempo e história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992, p. 423-461.
- \_\_\_\_\_. *Teatro do Sacramento*. São Paulo: Edusp/Pontes, 1994.
- PERELMAM, Chaim & OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. *Tratado da Argumentação*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- \_\_\_\_\_. *Retóricas*. Trad. Maria Ermantina Galvão Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- POLITO, Reinaldo. *A Influência da Emoção do Orador no Processo de Conquista dos Ouvintes*. 3. ed. São Paulo: Saraiva, 2001.
- RICOEUR, Paul. *A Metáfora Viva*. São Paulo: Loyola, 2000.

ROUSSEAU, Emile. Liv. III,

SANTAELLA, Lucia. *Comunicação e Pesquisa*; Projeto para Mestrado. São Paulo: Hacker Editores, 2001.

SANTOS, Antônio Raimundo. *Metodologia Científica*; A Construção do Conhecimento. Rio de Janeiro: DP&, 1999.

SARAIVA, Antônio. *O discurso Engenhoso*. São Paulo: Perspectiva, 1980.

SARAIVA, Antônio José e LOPES, Óscar. *História da Literatura Portuguesa*. Porto: Porto Editora, s/d.

SCHILLER, Friedrich. *A Educação Estética do Homem*. 4. ed. São Paulo: Ed. Iluminuras Ltda., 2002.

SEVERINO, Antônio Joaquim. *Metodologia do Trabalho Científico*. 21. ed. São Paulo: Cortez, 1996.

SILVEIRA, F. M. *Literatura Barroca*. Global Editora São Paulo, 1987.

SIQUEIRA, Sônia. *A Vida é Sonho: A Estética do Barroco*. 2. ed. São Paulo: Centro Cultural Teresa D'Ávila.

### **Bibliografia do autor:**

VIEIRA, Antônio Pe. *Sermões*. São Paulo: Cultrix, 1995.

\_\_\_\_\_. *Sermões*. 8. edição. Rio de Janeiro: Agir, 1980.

\_\_\_\_\_. *Sermões*. São Paulo: Hedra, 2000.

\_\_\_\_\_. *Santo Antônio Luz do Mundo*: Nove Sermões. Petrópolis: Vozes, 1997.

\_\_\_\_\_. *Escritos Históricos e Políticos*. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

\_\_\_\_\_. *Sermões do Pe. Antônio Vieira, Textos Literários*. 2ed

LINS, Ivan. *Sermões e Cartas do Pe. Antônio Vieira*. Ed. Ouro

Lisboa: Editorial Comunicação Seara Nova, 1982.

## Anexo - Sermão da sexagésima

### I

E se quisesse Deus que este tão ilustre e tão numeroso auditório saísse hoje tão desenganado da pregação como vem enganado com o pregador! Ouçamos o Evangelho, e ouçamo-lo todo, que todo é do caso que me levou e trouxe de tão longe.

*Ecce exiit qui seminat, seminare.* Diz cristo que “saiu o pregador evangélico a semear” a palavra divina. Bem parece este texto dos livros de Deus. Não só faz menção do semear, mas faz também caso do sair: *Exiit*, porque no dia da messe hão-nos de medir a sementeira e hão nos contar os passos. O Mundo aos que lavrais com ele nem vos satisfaz que despendeis nem vos paga o que andais. Deus não é assim. Para quem lavra com Deus até o sair é semear, porque também das passadas colhe fruto. Entre os semeadores do Evangelho há uns que saem a semear, há outros que semeiam sem sair. Os que saem a semear são os que vão pregar à Índia, à China ao Japão; os que semeiam sem sair, são os que se contentam com pregar na Pátria. Todos terão sua razão, mas tudo tem sua conta. Aos que têm a seara em casa, pagar-lhes-ão a sementeira; e hão-lhes de contar os passos. Ah Dia de Juízos! Ah pregadores! Os de cá, achar-vos-eis com mais Paço: os de lá, com mais passos: *Exiit seminare.*

Mas daqui mesmo vejo que notais(e me notais) que diz Cristo que o semeador do Evangelho saiu, porém não diz que tornou, porque os pregadores evangélicos, os homens que professam pregar e propagar a Fé, é bem que saiam,

mas não é bem que tornem. Aqueles animais de Ezequiel que tiravam pelo carro triunfal da glória de Deus e significavam os pregadores do Evangelho que propriedades tinham? *Nec revertebantur, cum ambularent*: “Uma vez que iam, não tornavam” As rédeas porque se governavam era o ímpeto do espírito como diz o mesmo texto; mas esse espírito tinha impulsos para os levar, não tinha regresso para os trazer; porque sair para tornar melhor é não sair. Assim argüis com muita razão, também assim o digo. Mas pergunto: E se esse semeador evangélico, quando saiu, achasse o campo tomando; se armassem contra ele os espinhos; se levantasse contra eles as pedras, e se lhes fechassem os caminhos, que havia de fazer? Todos estes contrários que digo, e todas estas condições experimentou o semeador do nosso evangelho. Começou ele a semear (diz Cristo), mas com pouca ventura. “Uma parte do trigo caiu entre espinhos, e afogaram-no nos espinhos:” *Aliud cecidit inter spinas, et simul exortoe spinos suffocaverunt illud*. “Outra parte caiu sobre pedras, e secou-se nas pedras por falta de *umidade*: *aliud cecidit super petras et natum aruit quia non habebat humorem*.” Outra parte caiu do caminho e pisaram no nos homens e comeram no as aves “: *aliud cecidit secus viam et conculcatum, et volucres coeli comederunt illud*. Ora vede como todas as criaturas se armaram como esta sementeira. Todas as criaturas ; criaturas sensitivas, como os animais; criaturas vegetativas, como as plantas; criaturas insensíveis, como as pedras; e não há mais. Faltou alguma destas, que se não armasse contra o semeador? Nenhuma. A natureza insensível o perseguiu nas pedras , a vegetativa nos espinhos, a sensitiva nas aves, a racional nos homens. E notai a desgraça do trigo que onde só podia esperar razão, ali achou maior agravo.

As pedras secaram- no, os espinhos afogaram- no, as aves comeram- no; e os homens? Pisaram-no: *Conculcatum est (ab hominibus-* diz a *Glossa*).

Quando Cristo mandou pregar os Apóstolos pelo mundo, disse-lhes desta maneira: *Euntes in mundum universum praedicate omni creaturae*: “Ide, e pregai a toda criatura.” Como assim senhor?! Os animais não são criaturas?! As árvores não são criaturas?! As pedras não são criaturas?!, Pois hão os Apóstolos de pregar às pedras?! Hão de pregar aos troncos?! Hão de pregar aos animais?! Sim diz senhor Gregório, depois de Santo Agostinho. Porque como os Apóstolos iam pregar a todas as nações do Mundo, muitas delas bárbaras e incultas, haviam de achar homens, haviam de achar homens brutos, haviam de achar homens troncos, haviam de achar homens pedras. E quando os pregadores evangélicos vão pregar a toda criatura, que se armem contra eles todas as criaturas?! Grande desgraça!

Mas ainda a do sementeiro do nosso Evangelho não foi a maior. A maior é a que se tem experimentado na seara aonde eu fui, e para onde venho. Tudo o que aqui padeceu o trigo, padeceram lá os semeadores. Se bem advertirdes, houve aqui trigo mirrado; trigo afogado; trigo comido e trigo pisado. Trigo mirrado: *Natum aruit quia non habebat humorem*; trigo afogado *Exortoe spinoe soffuca verunt illud*; trigo comido: *Volucres coeli comederunt illud*; trigo pisado: *Conculcatum est*. Tudo isso padeceram os semeadores evangélicos da missão do Maranhão de doze anos a esta parte. Houve missionários afogados, porque uns se afogaram na boca do grande rio das Amazonas; houve missionários comidos, porque a outros comeram os bárbaros na ilha dos *Aroãs*; houve missionários



mirrados, porque tais tornaram os da jornada de Tocantins, mirrados da fome e da doença, onde tal houve que andando vinte e dois dias perdidos nas brenhas, matou somente a sede com o orvalho que lambia das folhas. Vede se lhe quadra bem o *Natum aruit, quia non habebat humorem!* E que sobre mirrados, sobre afogados, sobre comidos, ainda se vejam pisados e perseguidos dos homens: *Conculcatum est!* Não me queixo nem o digo, Senhor, pelos semeadores; só pela seara o digo, só pelas seara o sinto. Para os semeadores, isto são glórias: mirrados sim, mas por amor de vós mirrados; afogados sim, mas por amor de vós afogados; comido sim, mas por amor de vós comidos; pisados e perseguidos sim, mas por amor de vós perseguidos e pisados.

Agora torna minha pergunta: E que faria neste caso, ou que devia fazer o semeador evangélico, vendo tão mal logrados seus primeiros trabalhos? Deixaria a lavoura? Desistiria da sementeira? Ficar-se-ia ocioso no campo, só por que tinha lá ido? Parece que não. Mas se tornasse muito depressa a casa buscar alguns instrumentos com que alimpar a terra das pedras e dos espinhos, seria isto desistir? Seria isto tornar atrás? - Não por certo. No mesmo texto de Ezequiel com que argüístes, temos a prova. Já vimos como dizia o texto, que aqueles animais da carroça de Deus, “quando iam, não tornavam”: *Nec revertebantur, cum ambularent*. Lede agora dois versos mais abaixo, e vereis que diz o mesmo texto que “aqueles animais tornavam, à semelhança de um raio ou corisco”: *Ibant et revertebantur in similitudinem fulguris coruscantis*. Pois se os animais iam e tornavam á semelhança de um raio, como diz o texto que quando iam, não tornavam? Por que quem vai e volta como um raio, não torna. Ir e voltar como

raio, não é tornar, e ir por diante. Assim o fez o semeador do nosso Evangelho. Não o desanimou, nem a primeira, nem a segunda, nem a terceira perda; continuou por diante no semear, e foi com tanta felicidade, que nesta quarta e última parte do trigo se restauraram com vantagens a perdas do demais; nasceu, cresceu, espigou, amadureceu, colheu-se, mediu-se, achou-se que por um grão multiplicara cento: *Et fecit fructum centuplum*.

Oh que grandes esperanças me dá esta sementeira! Oh que grande exemplo me dá este semeador! Dá-me grande esperança a sementeira, porque, ainda que se perderam os primeiros trabalhos, lograr-se-ão os últimos. Dá-me grande exemplo o semeador, porque, depois de perde a primeira a, a segunda e a terceira parte do trigo, aproveitou a quarta e última, e colheu dela e muitos frutos. Já que se perderam as três partes da vida, já que uma parte da idade a levaram as pedras, já que outra parte a levaram os caminhos, e tantos caminhos, esta quarta e última parte, este último quartel da vida, por que se perderá também? Por que não dará fruto? Por que não terão também os anos o que tem o ano? O ano tem tempo para as flores e tempo para os frutos. Por que não terá também o seu outono a vida? As flores, umas caem, outros secam, outras murcham, outras leva o vento; aquelas poucas que se pegam ao tronco e se convertem em fruto, só essas são as venturosas, só essas são as discretas, só essas são as que duram, só essas são as que aproveitam, só essas são as que sustentam o Mundo. Será bem que o Mundo morra à fome? Será bem que os últimos dias se passem em flores? - Não será bem, nem Deus quer que seja, nem há de ser. Eis aqui por que eu dizia a princípio, que vindes enganados com o pregador. Mas para que possais ir desenganados com o

sermão, tratarei nele uma matéria de grande peso e importância. Servirá como de prólogo aos sermões que vos hei de pregar, e ao mais que ouvirdes esta Quaresma.

## *II*

O trigo, que semeou o pregador evangélico, diz Cristo que é a palavra de Deus. Os espinhos, as pedras, o caminho e a terra boa em que o trigo caiu, são os diversos corações dos homens. Os espinhos são os corações embaraçados com cuidados, com riquezas, com delicias; e nestes afoga-se a palavra de Deus, e se nasce, não cria raízes. Os caminhos são os corações inquietos e perturbados com a passagem e tropel das coisas do Mundo, umas que vão, e outras que vêm, outras que atravessam, e todas passam; e nestes é pisada à palavra de Deus, porque desatendem ou a desprezam. Finalmente, a terra boa são os corações bons ou os homens de bom coração; e nestes prende e frutifica a palavra divina, com tanta fecundidade e abundância, que se colhe cento por um: *Et fructum fecit centuplum*.

Este grande frutificar da palavra de Deus é o em que reparo hoje; e é uma dúvida ou admiração que me traz suspenso ou confuso, depois que subo ao púlpito. Se a palavra de Deus é tão eficaz e tão poderosa, como vemos tão pouco fruto da palavra de Deus? Diz Cristo que a palavra de Deus frutifica cento por um, e já eu me contentaria com que frutificasse um por cento. Se com cada cem sermões se convertera e emendara um homem, já o Mundo fora santo. Este argumento de fé, fundado na autoridade de Cristo se aperta ainda mais na experiência, comparando os tempos passados com os presentes. Lede as histórias eclesiásticas, e achá-las-eis todas cheias de admiráveis efeitos da pregação da

palavra de Deus. Tantos pecadores convertidos, tanta mudança de vida, tanta reações de costumes; os grandes desprezando as riquezas e vaidades do Mundo; os reis renunciando os cetros e as coroas; as mocidades e as gentilezas metendo-se pelos desertos e as covas; e hoje?

- Nada disto. Nunca na Igreja de Deus houve tantas perseguições, nem tantos pregadores como hoje? Pois se tanto se semeia a palavra de Deus, como é tão pouco fruto? Não há um homem em um sermão entre si resolva, não há um moço que se arrependa, não há um velho que se desengane. Que é isto?

Assim como Deus não é hoje menos onipotente, assim a sua palavra não é hoje menos poderosa do que dantes era. Pois se a palavra de Deus é tão poderosa; se a palavra de Deus tem hoje tantos pregadores, por que não vemos hoje nenhum fruto da palavra de Deus? Esta tão grande e tão importante dúvida será a matéria do sermão. Quero começar pregando-me a mim. A mim será, e também a vós; a mim, para aprender a pregar; a vós, que aprendais a ouvir.

### **III**

Fazer um pouco fruto a palavra de Deus no Mundo, pode proceder de um três princípios: ou da parte de pregador, ou da parte do ouvinte, ou da parte de Deus. Para uma alma se converte por meio de um sermão, há de haver três concursos: há de concorrer o pregador com a doutrina, persuadindo; há de concorrer o ouvinte com o entendimento, percebendo; há de correr Deus com a graça, alumando. Para um homem se ver a si mesmo, são necessárias três coisas: olhos, espelho e luz. Se tem espelho e é cego, não se pode ver por falta de olhos;

se tem espelho e olhos, e é de noite, não se pode ver por falta de luz. Logo há mister luz, há mister espelho e há mister olhos. Que coisa é a conversão de uma alma, senão entrar um homem dentro em si e ver-se a si mesmo? Para esta vista são necessários olhos, é necessária luz e é necessário espelho. O pregador concorre com o espelho, que é a doutrina; Deus concorre com a luz, que é a graça; o homem concorre com os olhos, que é o conhecimento. Ora suposto que a conversão das almas por meio da pregação depende destes três concursos: de Deus, do pregador e do ouvinte, por qual deles havemos de entender que falta? Por parte do ouvinte, ou por parte do pregador, ou por parte de Deus?

Primeiramente, por parte de Deus, não falta nem pode faltar. Esta proposição é de fé, definida no Concílio Tridentino, e no nosso Evangelho a temos. Do trigo que deitou à terra o semeador, uma parte se logrou e três se perderam. E por que se perderam estas três? - A primeira perdeu-se, porque afogaram os espinhos; a segunda, porque a secaram as pedras; a terceira, porque a pisaram os homens e a comeram as aves. Isto é o que diz Cristo; mas notai o que não diz. Não diz que parte alguma daquele trigo se perdesse por causa do sol ou da chuva. A causa por que ordinariamente se perdem as sementeiras é pela desigualdade e pela intemperança dos tempos, ou porque falta ou sobeja a chuva, ou porque falta ou sobeja o sol. Pois por que não introduz Cristo na parábola do Evangelho algum trigo que se perdesse por causa do sol ou da chuva?- Porque o sol e a chuva são as influências da parte do Céu, e deixar de frutificar a semente da palavra de Deus nunca é por falta do Céu, sempre é por culpa nossa. Deixará de frutificar a sementeira, ou pelo embaraço dos espinhos, ou pela dureza das

pedras, ou pelos descaminhos dos caminhos; mas por falta das influências do Céu, isso nunca e nem pode ser. Sempre Deus está pronto da sua parte, com o sol para aquecer e com a chuva para regar; com o sol para aluminar e com a chuva para amolecer, se os nossos corações quiserem: *Qui solem suum oriri facit super bonos et malos, et pluit super justos, et injustos*. Se Deus dá o seu sol e a sua chuva aos bons e aos maus; aos maus que quiserem fazer bons, como a negará? Este ponto é tão claro que não há para que nos determos mais prova. *Quid debui facere vineoe meoe, et non feci?*- disse o mesmo Deus por Isaías.

Sendo, pois, certo que a palavra divina não deixa de frutificar por parte de Deus, segue-se que ou é por falta do pregador ou por falta dos ouvintes. Por qual será? Os pregadores deitam a culpa aos ouvintes, mas não é assim. Se fora por parte dos ouvintes, não fizera a palavra de Deus muito grande fruto, mas não fazer nenhum fruto e nenhum efeito, não é por parte dos ouvintes. Provo.

Os ouvintes, ou são maus ou são bons; se são bons, faz neles grande fruto a palavra de Deus; se são maus, ainda que nêles que não faça fruto, faz efeito. No Evangelho o temos. O trigo que caiu nos espinhos nasceu, mas afogaram-no: *Simul exortoe spinos suffocaverunt illud*. O trigo que caiu nas pedras, nasceu também, mas secou-se: *Et natum aruit*. O trigo caiu na terra boa, nasceu e frutificou com grande multiplicação: *Et natum fecit fructum centuplum*. De maneira que o trigo que caiu na boa terra, nasceu e frutificou; o trigo que caiu na má terra, não frutificou, mas nasceu; porque a palavra de Deus é tão fecundada, que nos bons faz muito fruto e é tão eficaz que nos maus, ainda que não faz fruto, faz efeito; lançadas nos espinhos não frutificou mas nasceu até nos espinhos,

lançadas nas pedras não frutificou, mas nasceu até nas pedras. Os piores ouvintes que há na igreja de Deus são as pedras e os espinhos. E por quê? - Os espinhos por agudos, as pedras por duras. Ouvinte de entendimentos agudos e ouvintes de vontades endurecidas são os piores que há. Os ouvintes de entendimentos agudos são maus ouvintes, porque vêm só a ouvir sutilezas, a esperar galantarias, a avaliar pensamentos, e às vezes também a picar a quem os não pica. *Aliud cecidit inter spinas*: O trigo não picou os espinhos, antes os espinhos o picaram a ele; e o mesmo sucede cá. Cuidais que o sermão vos picou a vós, e não é assim; vós sois o que picais o sermão. Por isto são maus ouvintes os de entendimentos agudos. Mas os de vontades endurecidas ainda são piores, porque um entendimento agudo pode-se ferir pelos mesmos fios, e vencer-se uma agudeza com outra maior; mas contra vontades endurecidas nenhuma coisa aproveita a agudeza, antes dana mais, porque quantas as setas são mais agudas, tanto mais facilmente se despontam na pedra. Oh! Deus nos livre de vontades endurecidas, que ainda são piores que as pedras! A vara de Moisés abrandou as pedras, e não pode abrandar uma vontade endurecida: *Percutiens virga bis silicem, et egressae sunt aquae largissimae. Induratum est cor Pharaonis*. E com os ouvintes de entendimentos agudos e os ouvintes de vontades endurecidas serem os mais rebeldes, é tanta a força da divina palavra, que, apesar da agudeza, nasce nas pedras.

Pudéramos argüir ao lavrador do Evangelho de não cortar os espinhos e de não arrancar as pedras antes de semear, mas de indústria deixou no campo as pedras e os espinhos, para que se visse a força do que semeava. É tanta a força da divina palavra, que, sem arrancar nem abrandar pedras, nasce nas pedras.

Corações embaraçados como espinhos, corações secos e duros como pedras, ouvi a palavra de Deus e tende confiança! Tomai exemplo nessas mesmas pedras e nesses espinhos! Esses espinhos e essas pedras agora resistem ao semeador do Céu; mas virá tempo em que essas mesmas pedras o aclamem e esses mesmos espinhos o coroem.

Quando o semeador do céu deixou o campo, saindo deste Mundo, as pedras que se quebraram para lhe fazerem aclamações, e os espinhos se teceram para lhe fazerem coroa. E se a palavra de Deus até dos espinhos e das pedras triunfa; se a palavra de Deus até nas pedras, até nos espinhos nasce, não triunfar dos alvedrios hoje a palavra de Deus, nem nascer nos corações, não é por culpa nem indisposição dos ouvintes.

Suposta estas duas demonstrações; suposto que o fruto e efeito da palavra de Deus, não fica, nem por parte de Deus, nem por parte dos ouvintes, segue-se por consequência clara, que fica por parte do pregador. E assim é. Sabeis, Cristãos, por que não faz fruto a palavra de Deus? - Por culpa dos pregadores. Sabéis, pregadores, por que não faz fruto a palavra de Deus?--- Por culpa nossa.

#### *IV*

Mas como em um pregador há tantas qualidades, e em uma pregação tantas leis, e os pregadores podem se culpados em todas, em qual consistirá esta culpa? - No pregador podem-se considerar cinco circunstâncias: a pessoa, a ciência, a matéria, o estilo, a voz. A pessoa que é, a ciência que tem, a matéria que



trata, o estilo que segue, a voz com que fala. Todas estas circunstâncias temos no Evangelho. Vamos examinando uma por uma e buscando esta causa.

Será por ventura o não fazer fruto hoje a palavra de Deus, pela circunstância da pessoa? Será porque antigamente os pregadores eram santos, eram varões apostólicos e exemplares, e hoje os pregadores sou eu, e outros como eu? - Boa razão e esta. A definição do pregador e a vida e o exemplo. Por isso Cristo no Evangelho não o comparou ao semeador, senão ao que semeia. Reparai Não diz Cristo : saiu a semear o semeador, senão, saiu a semear o que semeia: *Ecce exiit, qui seminat, seminare*. Entre o semeador e o que semeia há muita diferença. Uma coisa é soldado e outra coisa o que peleja; uma coisa é o governador e outra o que governa. Da mesma maneira e uma coisa o semeador e outro o que semeia uma coisa e o pregador e outro o que prega o semeador e o pregador e outra o que prega e ação; e as ações são as que dão o ser ao pregador. Ter nome de pregador ou ser pregador de nome não importa nada; as ações, a vida, o exemplo, as obras, são as que convertem o Mundo. O melhor conceito que o pregador leva ao púlpito qual cuidais que é? --- É o conceito que de sua vida têm os ouvintes.

Antigamente convertia-se o Mundo, hoje por que se não converte ninguém? Por que hoje pregam-se palavras e pensamentos, antigamente pregavam –se palavras e obras. Palavras sem obras são tiros sem balas; atroam, mas não ferem. A funda de Davi derrubou o gigante , mas não o derrubou com o estalo, senão com a pedra: *Infixus est lapis in fronte ejus*. As vozes da harpa de Davi lançavam fora os demônios do corpo de Saul, mas não eram vozes

pronunciadas com a boca, eram vozes formadas com a mão: *David tollebat citharam, et percutiebat manu sua*. Por isso Cristo comparou o pregador com o semeador. O pregar que é falar faz-se com a boca; o pregar que é semear, faz-se com a mão. Para falar ao vento, bastam palavras; para falar ao coração são necessárias obras. Diz o Evangelho que a palavra de Deus frutificou cento por um. Que quer isto dizer? Quer dizer que de uma palavra nasceram cem palavras?--- Não. Quer dizer que de poucas palavras nasceram muitas obras. Pois palavras que frutificam obras, vede se podem ser só palavras! Quis Deus converter o mundo, e que fez? - Mandou ao Mundo seu filho feito homem. Notai. O filho de Deus, enquanto Deus, é palavra de Deus, não é obra de Deus: *Genitum, non factum*. O filho de Deus, enquanto Deus e homem, é a palavra de Deus e obra de Deus juntamente: *Verbum caro factum est*. De maneira que até sua palavra desacompanhada de obras, não fiou Deus à conversão dos homens. Na união da palavra de Deus com a maior obra de Deus consistiu a eficácia da salvação do mundo. Verbo divino é palavra divina; mas importa pouco que as nossas palavras sejam divinas, se forem desacompanhadas de obras. A razão disto é porque as palavras ouvem-se as obras vêem-se; as palavras entram pelos ouvidos, as obras entram pelos olhos, e a nossa alma rende-se muito mais pelos olhos que pelos ouvidos. No céu ninguém há que não ame a Deus, nem possa deixar de o amar. Na terra há tão poucos que o amem, todos o ofendem. Deus não é o mesmo, é tão digno de ser amado no céu como na terra? Pois como no Céu obriga e necessita a todos o amarem e na terra não? A razão é por que Deus no céu é Deus visto; Deus na terra é Deus ouvido. No céu entra o conhecimento de Deus à alma pelos olhos:

*Videbimus eum sicuti est*; na terra entra-lhe o conhecimento de Deus pelos ouvidos: *Fides ex auditu*; e o que entra pelos ouvidos crê-se o que entra pelos olhos necessita. Viram os ouvintes em nós o que nos ouvem a nós, e o abalo e os efeitos do sermão seriam muitos outros.

Vai um pregador pregando a Paixão chega ao pretório de Pilatos, conta como a Cristo o fizeram rei de zombaria diz que tomara uma púrpura lhe pusera ombros; ouve aquilo o auditório muito atento. Diz que teceram uma coroa de espinhos e que lhe pregaram na cabeça; ouvem todos com a mesma atenção. Diz mais que lhe ataram as mãos e nelas lhe meteram uma cana por cetro; continua o mesmo silêncio e a mesma suspensão nos ouvintes. Corre-se neste passo uma cortina, aparece a imagem do *Ecce Homo*; eis todos prostrados por terra, eis todos a bater no peito, eis as lágrimas, eis os gritos, eis os alaridos, eis as bofetadas. Que é isto? Que apareceu de novo nesta igreja? Tudo o que descobriu aquela cortina, tinha já dito o pregador. Já tinha dito daquela púrpura, já tinha dito daquela coroa e daqueles espinhos, já tinha dito daquele cetro e daquela cana. Pois se isto então não fez abalo nenhum, como faz agora tanto? - Porque então era *Ecce Homo* ouvido, e agora é *Ecce Homo* visto; a relação do pregador entra pelos olhos. Sabem, Padres pregadores, por que fazem pouco abalo os nossos sermões? - Porque não pregamos aos olhos, pregamos só aos ouvidos. Por que convertia o Batista tantos pecadores? - Porque assim como as suas palavras pregavam aos ouvidos, o seu exemplo pregava os olhos. As palavras do Batista pregavam penitência: *Agite poenitentiam*. “Homens, fazei penitência”; e o exemplo clamava: *Ecce Homo*: “eis aqui está o homem” que é o retrato da penitência e da aspereza.

As palavras do Batista pregavam jejum e repreendiam os regalos e demasias da gula; e o exemplo clamava: *Ecce Homo*: eis aqui está o homem que se sustenta de gafanhotos e mel silvestre. As palavras do Batista pregavam composição e modéstia, e condenavam a soberba e a vaidade das galas; e o exemplo clamava: *Ecce Homo*: eis aqui está o homem vestido de peles de camelo, com as cerdas e cilício à raiz da carne. As palavras do Batista pregavam desapegos e retiros do Mundo, e fugir das ocasiões e dos homens; e o exemplo clamava: *Ecce Homo*: eis aqui os homens que deixou as cortês e as cidades, e vive num deserto e numa cova. Se os ouvintes ouvem uma coisa e vêem outra, como se hão de converter? Jacó punha as varas manchadas diante das ovelhas, quando concebiam, e daqui procedia que os cordeiros nasciam manchados. Se quando os ouvintes percebem os nossos conceitos, têm diante dos olhos as nossas manchas, como hão de conceber virtudes? Se a minha vida é apologia contra a minha doutrina, se as minhas palavras vão já refutadas nas minhas obras, se uma coisa é o semeador e outra o que semeia, como se há de fazer fruto?

Muito boa e muito forte razão era esta de não fazer fruto à palavra de Deus; mas tem contra si o exemplo e experiência de Jonas. Jonas fugitivo de Deus, desobediente, contumaz, e, ainda depois de engolido e vomitado, iracundo, impaciente, pouco caritativo, pouco misericordioso, e mais zeloso e amigo da própria estimação que da honra de Deus, e salvação das almas, desejoso de ver subvertida a *Nínive*, e de a ver subverter com seus olhos, havendo nela tantos mil inocentes; contudo este mesmo homem com um sermão converteu o maior rei, a

maior corte e o maior reino do Mundo, e não de homens fiéis senão de gentios idólatras. Outra é logo a causa que buscamos. Qual será?

## V

Será porventura o estilo que hoje se usa nos púlpitos? Um estilo tão empecado, um estilo tão dificultoso, um estilo tão afetado, um estilo tão encontrado a toda arte e a toda a natureza? Boa razão é também esta. O estilo há de ser muito fácil e muito natural. Por isso Cristo comparou o pregar a semear: *Exiit, qui seminat, seminare*. Compara Cristo o pregar ao semear, porque o semear é uma arte que tem mais de natureza que de arte. Nas outras artes tudo é arte; na música tudo se faz por compasso, na arquitetura tudo se faz por regra, na aritmética tudo se faz por conta, na geometria tudo se faz por medida. O semear não é assim. É uma arte sem arte; caia onde cair. Vede como semeava o lavrador do nosso Evangelho.

“Caía o trigo nos espinhos e nascia” *Aliud cecidit inter spinas et simul exortoe spinae*. “Caia o trigo nas pedras e nascia”: *Aliud cecidit super petram, et ortum*. “Caía o trigo na terra boa e nascia”: *Aliud cecidit in terram bonam, et natum*. Ia o trigo caindo e nascendo.

Assim há de ser o pregar. Hão de cair às coisas e Hão de nascer; tão naturais que vão caindo, tão próprias que vem nascendo. Que diferente o estilo violento e tirânico que hoje se usa! Ver vir os tristes passos da Escritura como quem vem ao martírio; uns vem acarretados, outros vêm arrastados, outros vêm estirados, outros vêm torcidos, outros, vêm despedaçados; só

atados não vêm ! Há tal tirania? Não está a coisa no levantar; está no cair: *Cecidit*. Notai uma alegoria própria da nossa língua. O trigo do semeador, ainda que caiu quatro vezes, só de três nasceu para o sermão vir nascendo, há de ter três modo de cair; há de cair com a queda, há de cair com cadência. há de cair com caso. A queda é para as coisas, a cadência para as palavras, o caso para a disposição. A queda é para as coisas, porque hão de vir bem trazidas e em seu lugar; hão de ter queda. A cadência é para as palavras, porque não hão de ser escabrosas nem dissonantes: hão ter cadência. O caso é para a disposição, porque há de ser tão natural e tão desafetada que pareça caso e não estudo: *Cecidit, cecidit, cecidit*.

Já que falo contra os estilos modernos, quero alegar por mim o estilo do mais antigo pregador que houve no mundo. E qual foi ele? --- O mais antigo pregador que houve no Mundo foi o Céu. *Caeli enarrant gloriam Dei, et opera manuum ejus annuntiat Firmamentum* - diz Davi.

Suposto que o céu é pregador, deve ter sermões e deve de ter palavras. Sim, tem diz o mesmo Davi: tem palavras e tem sermões; e mais, muito bem ouvidos. E quais são estes sermões e estas palavras do Céu? As palavras são as estrelas *Non sunt loquellae, nec sermones, quorum non audiantur voces eorum*. os sermões são a composição, a ordem à harmonia e o curso delas. Vede como diz o estilo de pregar do Céu, com estilo que Cristo ensinou na terra um e outro é semear; a terra semeada de trigo, o céu semeado de estrelas. O pregador há de ser com quem semeia, e não como quem ladrilha ou azuleja. Ordenado, mas como as estrelas: *Stellae manentes in ordine suo*. Todas as estrelas estão por sua ordem;

mas é a ordem que faz influência, não é ordem que faça labor. Não fez Deus o céu em xadrez de estrelas, como os pregadores fazem o sermão em xadrez de palavras. Se de uma aparte está branco, de outra há de estar negro; se de uma parte esta dia a outra há de estar noite; se de uma parte dizem luz, da outra hão de dizer sombra; se de uma parte dizem desceu, da outra hão de dizer subiu. Basta que não havemos num sermão duas palavras em paz? Todas hão de estar sempre em fronteira com o seu contrário?

Aprendamos do céu o estilo da disposição. E também o das palavras. Como hão de ser as palavras? Como as estrelas. As estrelas são muito distintas muito claras. Assim há de ser o estilo do pregador, muito distinto e muito claro. E nem por isso temais que pareça o estilo baixo; as estrelas são muito distintas e muito claras, e altíssimas. O estilo pode ser muito claro e muito alto; tão claro que o entendam os que não sabem é tão alto que tenham muito o que entender nele os que sabem. O rústico acha documentos na estrelas para sua lavoura e o mareante para sua navegação e o matemático para suas observações e para os seus juízos. De maneira que o rústico e o mareante, que não sabem ler e nem escrever, entendem as estrelas; e o matemático, que tem lido quantos escreveram, não alcança a entender quantos nelas há. Tal pode ser o sermão: --- estrelas que todos vêem, e muitos poucos as medem.

Sim, Padre; porém, esse estilo de pregar, não é pregar culto. Mas fosse! Este desventurado estilo que hoje se usa, os que o querem honrar chamam-lhe *culto*, os que não e condenam chamam-lhe *escuro* mas, ainda lhe fazem muita honra. O estilo culto não é escuro, é negro, e negro bocal e muito cerrado. É

possível que somos portugueses, e havemos de ouvir um pregador em português, e não havemos de entender o que diz?! Assim como há *Léxicon* para o grego e Calepino para o latim, assim é necessário haver um vocabulário do púlpito. Eu ao menos o tomara para os nomes próprios, por que os cultos têm desbatizados os santos, e cada autor que alegam é um enigma. Assim o disse o Cetro Penitente, assim o disse o Evangelista Apeles assim o disse a Águia de África, o Favo de Claraval, a Púrpura de Belém, a Boca de Ouro. Há tal modo de alegar! O Cetro Penitente dizem que é Davi como se todos os cetros não foram penitência; o Evangelista Apeles da África, Santo Agostinho; a púrpura de Belém, S. Jerônimo; a Boca de Ouro, S. Crisóstomo. E quem quitaria ao outro cuidar que a Púrpura de Belém é Herodes, que a Águia de África é Cipião, e que a Boca de Ouro é Midas?

Se houvesse um advogado que alegrasse assim o Bártolo e Baldo, havíeis de fiar dele o vosso pleito? Se houvesse um homem que assim falasse na conversação, não o havíeis de ter por nescio? Pois o que na conversação seria necessidade, como há de ser descrição no púlpito?

Boa me parecia também esta razão; mas como os cultos pelo polido e estudado se defendem com o grande Nazianzeno, com Ambrósio, com Crisólogo, com o Leão, e pelo escuro e duro, com Clemente Alexandrino, com Tertuliano, com Basílio de Selêucia, com Zeno Veronense e outros, não podemos negar a reverência a tamanhos autores, posto que desejáramos, nos que se prezam de beber destes rios, a sua profundidade. Qual será logo a causa de nossa queixa?



## VI

Será pela matéria ou matérias que tomam os pregadores? Usam se hoje o método que chama de apostilar o Evangelho, em que tomam muitas matérias levantam muitos assuntos, e quem levanta muita caça e não segue nenhuma, não é muito que se recolha com as mãos vazias. Boa razão é também esta. O sermão há de ter um só assunto e uma só matéria. Por isso Cristo disse que o lavrador do Evangelho não semeara muitos gêneros de sementes, senão uma só: *Exiit, qui seminat, seminare semem.*

Semeou uma semente só, e não muitas, por que um sermão há de ter uma só matéria, e não muitas matérias. Se o lavrador semeara o primeiro trigo, e sobre trigo semeara centeio, e sobre o centeio semeara milho grosso e miúdo, e sobre o milho semeara cevada, que havia de nascer? - Uma mata brava, uma confusão verde. Eis aqui o que acontece aos sermões deste gênero. Como semeiam tanta variedade, não podem colher coisa certa. Quem semeia misturas, mal pode colher trigo. Se uma nau fizesse um bordo para o norte, outro para o sul, outro para leste, outro para oeste, como poderia fazer viagem? Por isso nos púlpitos se trabalha tanto e se navega tão pouco. Um assunto vai para um vento, outro assunto vai para outro vento; que se há de recolher se não vento? O Batista convertia muitos em Judéia; mas quantas matérias tomava? - Uma só matéria: *Parate viam Domini*; a preparação para o Reino de Cristo. Jonas converteu os ninivitas; mas quantos assuntos tomou? - Um só assunto: *Adhuc, quadraginta, dies, eti Ninive subvertetur*: a subversão da cidade. De maneira que Jonas em 40 dias pregou só assunto, e nos queremos pregar quarenta assuntos em uma hora! Por isso não

pregamos nenhum. O sermão há de ser uma só cor, há de ter um só objeto, um só assunto, uma só matéria.

Há de tomar o pregador uma só matéria, a de defini-la para que se conheça, há de dividi-la para que se distinga, há de prová-la com a Escritura, há de declará-la com a razão, há de confirmá-la com o exemplo, há de amplificá-la, com as causas, com os efeitos, com as circunstâncias, com as conveniências que se hão de seguir, com os inconvenientes que se devem evitar a de responder as dúvidas, há de satisfazer às dificuldades, há de impugnar e refutar com toda força da eloquência os argumentos contrários, e depois disto há de colher, há de apertar, há de concluir, há de persuadir, há de acabar .Isto é sermão, isto é pregar, e o que não é isto, é falar de mais alto.

Não nego nem quero dizer que o sermão não haja de ter variedade de discursos, mas esses hão de nascer de todos da mesma matéria e continuar a acabar nela. Quereis ver tudo isto com os olhos? Ora vede: uma árvore tem raízes tem tronco, tem ramos tem folhas tem varas, tem flores, tem frutos. Assim há de ser o sermão: há de ter raízes fortes e sólidas, porque há de ser fundado no Evangelho; há de ter um tronco, porque há de ter um só assunto e tratar uma só matéria; deste tronco hão de nascer diversos ramos, que são diversos discursos, mas nascido da mesma matéria; e continuados nela; estes ramos não hão de ser secos, senão cobertos de folhas, porque os discursos hão de ser vestidos e ornados de palavras .Há de ter esta árvore varas, que são a repressão dos vícios; há de ter flores, que são as sentenças; e por remate de tudo há de ter frutos, que é o fruto e o fim a que se há de ordenar um sermão. De maneira que a de haver frutos, há de

haver flores, há de haver varas, há de haver folhas, há de haver ramos. Mas tudo nascido e fundado em um só tronco, que é uma só matéria. Se tudo são troncos, não é sermão, é madeira. Se tudo são ramos, não é sermão, são maravilhas. Se tudo são folhas não é sermão, são versas. Se tudo são varas, não é sermão é feixe. Se tudo são flores, não é sermão, é ramalhete. Serem tudo frutos não pode ser; por que não há frutos sem árvores. Assim que nesta árvore, a que podemos chamar *árvore da vida*, há de haver o proveitoso do fruto, o formoso das flores, o rigoroso das varas, o vestido das flores, o estendido dos ramos, mas tudo isto nascido e formado de um só tronco, e esse não levantado no ar, se não fundado nas raízes do Evangelho: *Seminare e semen*. Eis aqui como hão de ser os sermões, eis aqui como não são. E assim não é muito que se não faça fruto com eles.

Tudo que tenho dito pudera largamente, não só com os preceitos dos Aristóteles, do Túlios dos Quintilianos, mas com a prática observada dos oradores evangélicos - S.João Crisóstomo, de S.Basílio Magno, S. Bernardo, S.Cipriano, e com as famosíssimas orações de S.Gregório Nazianzeno, mestre de ambas as Igrejas. E posto que nestes mesmos Padres, como em Santo Agostinho, S. Gregório e muitos outros, se acham os Evangelhos apostilados com nomes de sermões e homilias, uma coisa é expor, e outra é pregar; uma ensinar e outra persuadir. E desta última é que eu falo, com a qual tanto fruto fizeram no Mundo Santo Antônio de Pádua e S. Vicente Ferrer. Mas nem por isso entendo que seja esta ainda a verdadeira causa que busco.

## VII

Será porventura a falta de ciência que há em muitos pregadores? Muitos pregadores há que vivem do que não colheram e semeiam o que não trabalharam. Depois da sentença de Adão a terra não costuma dar fruto, senão a quem come o seu pão com o suor do seu rosto. Boa razão parece também esta. O pregador há de pregar o seu e não o alheio. Por isso diz Cristo que semeou o lavrador do Evangelho o trigo seu: *Semem suum*. Semeou o seu e não o alheio, por que o alheio, e o furtado não é bom para semear, ainda que o fruto seja de ciência. Comeu Eva o pomo da ciência, e queixava-me eu antigamente dessa nossa mãe; já que comeu o pomo, por que não guardou as pevides? Não seria bem que chegasse a nos a árvore, já que não chegaram aos encargos dela? Pois por que não fez assim Eva - por que o pomo era furtado, e o alheio é bom para comer, não é bom para semear; é bom para comer, por que dizem que é saboroso; não é bom para semear, porque não nasce. Alguém terá experimentado que o alheio lhe nasce em casa, mas esteja certo, que se nasce, não há de deitar raízes; e o que não tem raízes não pode dar fruto. Eis aqui por que muitos pregadores não fazem fruto; porque pregam o alheio, e não o seu: *semem suum*. O pregar é entrar em batalha com os vícios ;e armas alheias, ainda que sejam a de Aquiles, a ninguém deram vitória. Quando Davi saiu a campo com o gigante, ofereceu-lhe Saul as suas armas, mas ele não a quis aceitar. Com as armas alheias ninguém pode vencer, ainda que seja Davi. As armas de Saul só servem a Saul, e as de Davi a Davi, e mais aproveita um cajado, e uma funda própria, que a espada e a lança alheia. Pregador que peleja com as armas alheias, não hajais medo que derrube gigante.

Fez Cristo aos apóstolos pescadores de homens, que foi ordená-los de pregadores; em que faziam os Apóstolos? - diz o texto que estavam *reficientes retia sua*: “refazendo as redes suas”; eram as redes dos Apóstolos e não eram alheias. Notai: *retia sua*; não diz que eram suas, por que as compraram, senão que eram suas, por que as faziam; não eram suas, porque lhes custaram seu dinheiro, senão porque lhes custavam seu trabalho. Desta maneira eram as redes suas; e porque desta maneira eram suas, por isso eram redes de pescadores que haviam de pescar homens.

Com redes alheias ou feitas por mãos alheias, podem - se pescar peixes, homens não se podem pescar. A razão disto é porque nesta pesca de entendimentos, só quem sabe fazer a rede sabe fazer o lanço. Como se faz uma rede? - Do fio e do nó se compõe à malha, que não enfia nem ata, como há de fazer rede? Quem não sabe enfiar nem sabe atar, como há de pescar homens? A rede tem chumbada que vai ao fundo, tem cortiça que nada em cima da água. A pregação tem umas coisas de mais pesos e de mais fundo, tem cortiça que nada em cima da água. A pregação tem umas coisas de mais pesos e de mais fundos, e tem outras mais superficiais e mais leves; e governar o leve e o pesado, só o sabe fazer quem sabe fazer redes. Na boca de quem não faz a pregação, até o chumbo é cortiça.

As razões não hão de ser enxertadas, hão de ser nascidas. O pregar não é recitar. As razões próprias nascem do entendimento, as alheias vão pegadas à memória, e os homens não se convencem pela memória, se não pelo entendimento.

Veio o Espírito Santo sobre os apóstolos, e quando as línguas desciam do céu, cuidava eu que lhes haviam de por na boca; mas ela foram-se pôr na cabeça. Pois por que na cabeça e não na boca, que é o lugar da língua? - Porque o que há dizer no pregador, não lhe há de sair só da boca; há-lhe de sair pela boca, mas da cabeça. O que sai só da boca, pára nos ouvidos; o que nasce em juízo, penetra e convence o entendimento. Ainda tem mais mistério estas línguas do Espírito Santo. Diz o texto que não se puseram todas as línguas sobre todos os Apóstolos, senão cada um sobre cada um; *apparierunt dispersitae linguae tanquam ignis, seditque supra singulos eorum*. E por que cada uma sobre cada um e não todas sobre todos?

-- Porque não servem todas as línguas a todos, senão a cada um a sua. Uma língua só sobre Pedro, porque a língua de Pedro não serve a André; outra língua só de André, porque a língua de André não serve a Filipe; Outra língua só sobre Filipe, porque a língua de Filipe não serve a Bartolomeu, e assim do mais. E senão, vede-o no estilo de cada um dos Apóstolos, sobre que desceu o Espírito Santo. Só de cinco temos escrituras; mas a diferença com que escreveram, como sabem os doutos, é admirável. As penas todas eram tiradas das asas daquelas pombas divina; mas o estilo tão diverso, tão particular e tão próprio de cada um, que bem mostra que era seu. Mateus fácil, João misterioso, Pedro grave, Jacó forte, Tadeu sublime e todos com tal valentia no dizer, que cada palavra era um trovão, cada cláusula um raio e cada razão um triunfo. Ajuntai as estes cinco, S. Lucas e S. Marcos, que também ali estavam, e achareis o número daqueles sete trovões que ouviu S. João no *Apocalipse*:

*Locuta sunt septem tonitrua* vocês suas. Eram trovões que falavam e dearticulavam ‘as vozes, mas essas vozes eram suas: Vocês suas; “suas e não alheias” como notou Ansberto; *Non alienas, sed suas*. Enfim, pregar o alheio é pregar o alheio, e com o alheio nunca se fez coisa boa.

Contudo eu não me firmo de todo nesta razão, por que do grande Batista sabemos que pregou o que tinha pregado Isaías, como notou S. Lucas, e não com outro nome senão de sermões: *Proedicans baptismum poenitentiae in remissionem peccatorum, sicut scriptum est in libro sermonum Isaiae prophetae*. Deixo o que tomou Santo Ambrósio de S. Basílio, S. Próspero e Beda de Santo Agostinho, Teofilato e Eutímio de S. João Crisóstomo.

### VIII

Será finalmente a causa, que tanto há buscamos, a voz com hoje falam os pregadores? Antigamente pregavam bradando, hoje pregam conversando. Antigamente a primeira parte do pregador era boa voz e bom peito. E verdadeiramente, como o Mundo se governa tantos pelos sentidos, podem às vezes mais os brados que a razão. Boa era também esta, mas não a podemos provar com o semeador, porque já dissemos que não era ofício de boca. Porém os que nos negou o Evangelho no semeador metafórico, nos deu no semeador verdadeiro, que é Cristo. Tanto que Cristo acabou a parábola, diz o evangelho que começou o Senhor a bradar: *Haec dicens clamabat*. Bradou o Senhor, e não arrazoou sobre a parábola, porque tal auditório, que ficou mais dos brados que da razão.

Perguntaram ao Batista, quem era? Respondeu ele: *Ego vox clamatis in deserto*. “Eu sou uma voz que anda bradando neste deserto.” Desta maneira se definiu o batista. A definição do pregador cuidava eu que era: voz que arrazoa e não voz que brada. Pois por que se definiu o Batista pelo bradar e não pelo arrazoar; não pela razão, senão pelos brados? Por que há muita gente neste Mundo com quem podem mais os brados que a razão, e tais eram aqueles a quem o Batista pregava. Vede-o claramente em Cristo. Depois que Pilatos examinou as acusações que contra ele se davam, lavou as mãos e disse: *Ego nullam causam invenio in homine isto*. “Eu nenhuma causa acho neste homem.” Nesse tempo todo o povo e os escribas bradavam de fora, que fosse crucificado: *At illi magis clamabant, crucifigatur*. De maneira que Cristo tinha por si a razão e tinha contra si os brados. E qual pôde mais? - Puderam mais os brados do que a razão. A razão não o valeu para livrar, os brados bastaram para o pôr na Cruz. E como os brados no Mundo podem tanto, bem é que brandem alguma vez os pregadores, bem é que gritem. Por isso Isaías chamou os pregadores *nuvens*: *Qui sunt isti, qui ut nubes volant?* A nuvem tem relâmpago, tem trovão e tem raio: relâmpago para os olhos, trovão para os ouvidos, raio para o coração: com o relâmpago alumia, com o trovão assombra, com o raio mata. Mas o raio fere a um, o relâmpago a muitos, o trovão a todos. Assim há de ser a voz do pregador - um trovão do Céu, que assombre e faça tremer o Mundo.

Mas que diremos à oração de Moisés? *Concrescat ut pluvia doctria mea: fluat ut ros eloquim meum*: “Desça minha doutrina como chuva do céu, e a minha voz e as minhas palavras com o orvalho que se destila brandamente sem ruído.”



Que diremos ao exemplo ordinário de Cristo, tão celebrado por Isaías: *Non clamabit neque audietur vox ejus foris?* “Não clamará, não bradará, mas falará com uma voz tão moderada que se possa não ouvir fora” E não há dúvida que o praticar familiarmente e o falar mais ao ouvido que aos ouvidos, não só concilia maior atenção, mas naturalmente e sem força se insinua, entra, penetra e se mete na alma.

Em conclusão que a causa de não fazerem hoje frutos os pregadores com a palavra de Deus, nem é a circunstância de pessoa: *Qui seminat*; nem a do estilo: *seminare*; nem a da matéria: *semem*; nem a da ciência: *suum*; nem a da voz: *Clamabat*. Moisés tinha fraca voz; Amós tinha grosseiro estilo; Salomão multiplicava e variava os assuntos; Balaão não tinha exemplo de vida; o seu animal não tinha ciência; e contudo todos estes, falando, persuadiam e convenciam. Pois se nenhuma destas razões que discorremos, nem todas elas juntas são a causa principal nem bastante do pouco fruto que hoje faz a palavra de Deus, qual diremos finalmente que é verdadeira causa?

## IX

As palavras que tomei por tema o dizem: *Semem est Verbum Dei*. Sabeis, Cristão, a causa por que se faz hoje tão pouco fruto com tantas pregações? - É porque as palavras dos pregadores são palavras, mas não são palavras de Deus. Falo do que ordinariamente se ouve. A palavra de Deus (como dizia) é tão poderosa e tão eficaz, que não só na boa terra faz fruto, mas ate nas pedras e nos espinhos nasce. Mas se as palavras dos pregadores não são palavras de Deus, que

muito que não tenha eficácia e os efeitos das palavras de Deus? *Ventum seminabunt et turbinem colligent* - diz o Espírito Santo: “Quem semeia ventos, colhe tempestades.” Se os pregadores semeiam vento, se o que se prega é vaidade, se não se prega a palavra de Deus, como não há de a igreja de Deus correr tormenta, em vez de colher fruto?

Mas dir-me-eis: Padre, os pregadores de hoje não pregam do Evangelho, não pregam das Sagradas Escrituras? Pois como não pregam a palavra de Deus? -- Esse é o mal. Pregam palavras de Deus, mas não pregam a palavra de Deus: *Qui habet sermonem meum loquatur sermonem meum vere* -- disse Deus por Jeremias. As palavras de Deus, pregadas no sentido em que Deus as disse, são palavras de Deus, antes podem ser palavras do Demônio. Tentou o Demônio a Cristo a que fizesse das pedras pão. Respondeu-lhe o senhor: -- *non in solo pane vivit homo, sed in omni verbo, quod procedit de ore Dei*. Esta sentença era tirada do capítulo VIII do Deuterônomo. Vendo o Demônio que o senhor se defendia da tentação com a Escritura, leva-o ao Templo, e alegando o lugar do Salmo XC, diz-lhe esta maneira: *Mitte te deorsum; scriptum est enim, quia angelis suis Deus mandavit de te, ut custodiant te in omnibus viis tuis*: “Deita-te daí abaixo, porque prometido está nas Sagradas Escrituras que os anjos te tomarão nos braços, para que te não faças mal.” De sorte que Cristo defendeu-se do Diabo com a Escritura, e o Diabo tentou a Cristo com a Escritura. Todas as Escrituras são palavras de Deus; pois se Cristo toma a Escritura para se defender do Diabo, como toma o Diabo a escritura para tentar a Cristo? -- A razão é porque Cristo tomava as palavras da Escritura em seu verdadeiro sentido, e o Diabo tomava as palavras da

Escritura em sentido alheio e torcido; e as mesmas palavras, que tomadas em verdadeiro sentido são palavras de Deus, tomadas em sentido alheio, são armas do Diabo. As mesmas palavras que, tomadas no sentido em que Deus as disse, são defesa, tomadas no sentido em que Deus as não disse, são tentação. Eis aqui a tentação com que então quis o Diabo derrubar a Cristo, e com que hoje lhe faz a mesma guerra no pináculo do Templo. O pináculo do Templo é o púlpito, porque é o lugar mais alto dele. O Diabo tentou a Cristo no deserto, tentou-o no monte tentou-o no Templo, no deserto, tentou-o com a gula; no monte, tentou-o com a ambição; no templo, tentou-o com as Escrituras mal interpretadas, e essa é a tentação de que mais padece hoje a Igreja, e que em muitas partes tem derrubado dela, senão a Cristo, a sua fé.

Dizei-me pregadores (aqueles com quem eu falo indignados verdadeiramente de tão sagrado nome), dizei-me: esses assuntos inúteis que tantas vezes levantai, essas empresas ao vosso parecer agudas que prosseguis, achaste-las alguma vez nos profetas do Testamento Velho, ou nos Apóstolos e Evangelistas do Testamento Novo, ou no autor de ambos os testamentos, Cristo? - É certo que não, porque desde a primeira palavra do Gênesis, até a última do Apocalipse, não há tal coisa em todas as Escrituras. Pois se nas Escrituras não há o que dizeis e o que pregais como cuidais os que pregais a palavra de Deus? Mais: nesses lugares, nesses textos que alegais para prova do que dizeis, é esse o sentido em que Deus o disse? É esse o sentido em que os entendem os Padres da Igreja? É esse o sentido da mesma gramática das palavras? -- Não, por certo; porque muitas vezes as tomais pelo que toam e não pelo que significam, e talvez nem pelo que

toam. Pois se não é esse o sentido das palavras de Deus, segue-se que não são palavras de Deus. E se não são palavras de Deus, que nos queixamos que não façam frutos as pregações? Basta que havemos de trazer as palavras de Deus a que digam o que nos queremos e não havemos de querer dizer o que elas dizem?! Então ver cabecear o auditório a estas coisas, quando devíamos de dar com a cabeça pelas paredes de as ouvir! Verdadeiramente não sei de que mais me espante se dos nossos conceitos, se dos vossos aplausos! -- Oh que bem levantou o pregador! -- Assim é; mas que levantou? -- Um falso testemunho ao texto, outro falso testemunho ao santo, outro ao entendimento e ao sentido de ambos. Então que se converta o Mundo com falsos testemunhos com da palavra de Deus?! Se a alguém parecer demasiada a censura, ouça-me.

Estava Cristo acusado diante de Caifás, e diz o Evangelista S. Mateus, que por fim vieram duas testemunhas falsas: *Novissime venerunt duo falsi testes*. Estas testemunhas referiram que ouviram dizer a Cristo que, se os judeus destruíssem o templo, ele o tornaria reedificar em três dias. Se lermos o Evangelista S. João, acharemos que Cristo verdadeiramente tinha dito as palavras referidas. Pois se Cristo tinha dito que havia de reedificar o templo em três dias, e isto é mesmo o que referiam as testemunhas, como lhes chama o Evangelista testemunhas falsas: *Duo false teste?*-- O mesmo S. João deu a razão: *Loquebatur de templo corporis sui*. Quando Cristo disse que em três dias reedificaria o templo falava o Senhor do templo místico do seu corpo, o qual os judeus destruíram pela morte e o Senhor o reedificou pela ressurreição; e como Cristo falava do templo místico e as testemunhas o referiram ao templo material de Jerusalém, ainda que

as palavras eram verdadeiras, as testemunhas eram falsas. Eram falsas, porque Cristo as dissera em um sentido, e eles as referiram em outro; e referir as palavras de Deus em diferente sentido do que foram ditas, é levantar falso testemunho a Deus, é levantar falso testemunho às Escrituras. Ah, Senhor, quantos falsos testemunhos vos levantam! Quantas vezes ouço dizer que dizeis o que nunca dissestes! Quantas vezes ouço dizer que são palavras vossas, o que são imaginações minhas, que me não quero excluir deste número! Que muito logo que as nossas imaginações, e as nossas vaidades, e as nossas fábulas não tenham a eficácia da palavra de Deus!

Miseráveis de nós, e miseráveis dos nossos templos, pois neles se veio a cumprir a profecia de S. Paulo: *Erit tempus, cum sanam doctrinam non sustinesbunt*: “Virá tempo, diz S. Paulo, em que os homens não sofrerão a doutrina sã”. *Sed ad sua desideria coacervabunt sib magistros prurientes auribus* “Mas para o seu apetite terão um grande número de pregadores feitos a montão e sem escolha, os quais não façam mais que adular-lhes as orelhas.” *A veritate quidem ad ditum avertent, ad fabulas alten convertentur*: “Fecharão os ouvidos à verdade, e abri-los-ão às fábulas.” Fábula tem duas significações: quer dizer fingimento e quer dizer comédia; e tudo são muitas pregações deste tempo. São fingimento, porque são sutilezas e pensamentos aéreos sem fundamentos de verdade; são comédia porque os ouvintes vêm a pregação como à comédia; e há pregadores que vem ao púlpito como comediantes. Uma das felicidades que se contava entre as do tempo presente era acabarem-se as comédias em Portugal; mas não foi assim. Não se acabaram, mudaram-se; passaram do teatro ao púlpito.

Não cuideis que encareço em chamar comédia a muitas pregações das que hoje se usam. Tomara ter aqui as comedias de Plauto, de Terêncio, de Sêneca, e veríeis se não acháveis nela muitos desenganos na vida e vaidade do Mundo, muitos pontos de doutrina moral, muitos mais verdadeiros e muitos mais sólidos, do que hoje se ouvem nos púlpitos. Grande miséria por certo, que se achem maiores documentos para a vida nos versos de um poeta profano e gentio, que nas pregações dum orador cristão e muitas vezes sobre cristão, religioso!

Pouco disse S. Paulo em lhes chamar comédia porque muitos sermões há que não são comédia, são farsa. Sobe talvez ao púlpito um pregador dos professam ser mortos ao Mundo, vestido ou amortalhado em um hábito de penitência, (que todos, mais ou menos ásperos, são de penitência; e todos, desde o dia que os professamos mortalhas); a vista é de horror, o nome de reverência, a matéria de compunção, a dignidade de oráculo, o lugar é a expectativa de silêncio; e quando este se rompeu que é o que se houve? Se neste auditório estivesse um estrangeiro que não nos conhecesse e visse este homem a falar em público naqueles trajos e em tal lugar, cuidaria que havia de ouvir uma trombeta do Céu; que cada palavra sua havia de ser um raio para os corações, que havia de pregar com zelo e com o fervor de um Elias, que com a voz, com os gestos e com as ações, havia de fazer em pó e em cinza os vícios. Isto havia de cuidar o estrangeiro. E nós que é o que vemos? -- Vemos sair da boca daquele homem, assim naqueles trajos, uma voz muito afetada e muito polida, e logo começar com muito desgarro, a quê? -- A motivar desvelos, acreditar empenhos a requintar finezas, a lisonjear precipícios, a brilhar auroras, a derreter cristais, a desmaiar

jasmins, a tocar primavera, e outras mil indignidades destas. Não é isto farsa a mais digna de riso, se não fora tanto para chorar! Na comédia o rei veste como rei e fala como rei; o laçao vê este como laçao e fala como laçao; o rústico veste com rústico e fala como rústico; mas um pregador vestir como religioso e falar como... não o quero dizer por reverência do lugar. Já que o púlpito é teatro, e o sermão comédia, se quer, não faremos bem a figura? Não dirão as palavras com o vestido e com o ofício? Assim pregava S. Paulo, assim pregavam aqueles patriarcas que se vestiram e nos vestiram destes hábitos? Não louvamos e não admiramos o seu pregar? Não nos prezamos de seu filhos? Pois por que os não imitamos? Por que não pregamos como eles pregavam? Neste mesmo púlpito pregou S. Francisco Xavier; e eu, que tenho o mesmo hábito, porque não pregarei sua doutrina, já que me falta o seu espírito?

## X

Dir-me-eis o que a mim me dizem, e o que já tenho experimentado, que, se pregamos assim, zombam de nós os ouvintes, e não gostam de ouvir. Oh, boa razão para um servo de Jesus Cristo! Zombem e não gostem embora, e façamos nós nosso ofício! A doutrina de que eles zombam a doutrina de que êles desestimam, essa é a que lhes devemos pregar, e por isso mesmo, porque é mais proveitosa e a que mais hão mister. O trigo que caiu no caminho comeram-no as aves. Estas aves, como explicou o mesmo Cristo, são os demônios, que tiram a palavra de Deus dos corações dos homens: *Venit diabolus, et tollit verbum de corde eorum*. Pois por que não comeu o Diabo o trigo que caiu entre os espinhos,

ou o trigo que caiu nas pedras, senão o trigo que caiu no caminho? -- Porque o trigo que caiu no caminho *conculcatum est ab hominibus*: “pisaram-no os homens”; e a doutrina que os homens pisam, a doutrina que os homens desprezam, essa é a de que o Diabo se teme. Dessoutros conceitos, dessoutros pensamentos, dessoutras sutilezas que os homens estimam e prezam, dessas não se teme nem se acautela o Diabo, porque sabe que não são essas as pregações que lhe hão de tirar as almas das unhas. Mas daquela doutrina que cai: *Secus viam*; daquela doutrina que parece comum: *Secus viam*; daquela doutrina que parece trilhada: *Secus viam*; daquela doutrina que nos põe em caminho e em via da nossa salvação (que é a que os homens pisam e a que os homens desprezam), essa é a de que o Demônio se receia e se acautela, essa é a que procura comer e tirar do Mundo; e por isso mesmo essa é a que deviam pregar os pregadores, e a que deviam buscar os ouvintes. Mas se eles não o fizerem assim e zombarem de nós, zombaremos nós tanto de suas zombarias como dos seus aplausos. *Per infamiam et bonam famam* -- diz S. Paulo: o pregador há de saber pregar “com fama e sem fama”. Mas diz o Apóstolo: há de pregar com fama e com infâmia. Pregador para ser afamado, isso é Mundo; mas infamado, e pregar o que convém, ainda que seja com descrédito de sua fama, isso é ser pregador de Jesus Cristo.

Pois o gostarem, ou não gostarem os ouvintes! Oh que advertência tão digna! Que médico há que repare no gosto do enfermo, quando trata de lhe dar saúde? Sarem, e não gostem; salvem-se e amargue-lhes, que para isso somos médicos das almas. Quais vos parecem que são as pedras sobre que caiu parte do trigo do Evangelho? Explicando Cristo a parábola, diz que as pedras são aqueles



que ouvem a pregação com gosto: *Hi sunt, qui cum gáudio suscipiunt verbum*. Pois será bem que os ouvintes gostem e que no cabo fiquem pedras?! Não gostem, e abrandem-se; não gostem e quebrem-se; não gostem, e frutifiquem. Este é o modo com que frutificou o trigo que caiu na boa terra: *Et fructum afferunt in patientia* -- conclui Cristo. De maneira que o frutificar não se ajunta com o gosto, senão com o padecer; frutifiquemos nós, e tenham eles paciência. A pregação que frutifica, a pregação que aproveita, não é aquela que dá gosto ao ouvinte, é aquela que lhe da pena. Quando o ouvinte a cada palavra do pregador tremer; quando cada palavra do pregador é um torcedor para um coração do ouvinte; quando o ouvinte vai do sermão para casa confuso e atônito, sem saber parte de si, então é a pregação qual convém, então se pode esperar que se faça fruto: *Et fructum afferunt in patientia*.

Enfim para que os pregadores saibam como hão de pregar, e os ouvintes a quem hão de ouvir, acabo com um exemplo do nosso Reino, e quase dos nossos tempos. Pregavam em Coimbra dois famosos pregadores, ambos bem conhecidos por seus escritos, não os nomeio, porque os hei de desigualar. Altercou-se entre alguns doutores da Universidade, qual dos dois fosse maior pregador; e como não há juízo sem inclinação, uns diziam este, outros aquele. Mas um lente, que entre os mais tinha maior autoridade conclui desta maneira: “Entre dois sujeitos tão grandes não me atrevo a interpor juízos; só direi uma diferença, que sempre experimento: quando ouço um saio do sermão muito contente do pregador; quando ouço outro, saíu muito descontente de mim.” Com isto tenho acabado. Algum dia vos enganastes tanto comigo, que saíeis do sermão muito contentes do pregador: agora quisera eu desenganar-vos tanto, que saíeis muito descontentes

de vós. Semeadores do evangelho, eis aqui o que devemos nos pretender nos nossos sermões: não que os homens saiam contente de nós, senão que saiam muito descontentes de si; não que lhes pareçam bem os nossos conceitos, mas que lhe pareçam mal os seus costumes, as suas vidas, os seus passatempos, as suas ambições e, enfim, todos os seus pecados. Contanto que se descontentem de si, descontentem-se embora de nós. *Si hominibus placarem Christi servus non essem* -- dizia o maior de todos os pregadores, S. Paulo: “Se eu contentara aos homens, não seria servo de Deus.” Oh, contentamos a Deus, e acabemos de não fazer caso dos homens! Advertamos que nesta mesma Igreja há tribunas mais altas que as que vemos: *spectaculum facti sumus Deo, angelis et hominibus*. Acima das tribunas dos reis, estão as tribunas dos anjos, está a tribuna e o tribunal de Deus, que nos ouve e nos há de julgar que conta há de dar a Deus um pregador no dia do juízo? O ouvinte dirá: “Não mo disseram”, mas o pregador? *Voe mihi, quia tacui*. “Ai de mim, que não disse o que convinha!” Não seja mais assim, por amor de deus e de nós!

Estamos às portas da Quaresma, que é o tempo em que principalmente se semeia a palavra de Deus na Igreja, e em que ela se arma contra os vícios. Preguemos e armemos-nos todos contra os pecados, contra as soberbas, contra os ódios, contra as ambições, contra as invejas, contra as cobiças, contra as sensualidades. Veja o Céu que ainda tem na terra que se põe da sua parte. Saiba que o Inferno que ainda há na terra quem lhe faça guerra com a palavra de Deus, e saiba a mesma terra que ainda esta em estado de reverdecer e dar muito fruto: *Et fecit fructum centuplum*.